# VOTO

#154

## RETROSPECTIVA 2021

PRINCIPAIS DESTAQUES DA POLÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL

## MULHERES DE PODER

CONHEÇA UMA DAS MAIORES AUTORIDADES EM COMPLIANCE NO PAÍS

## AUXÍLIO BRASIL

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM JOÃO ROMA SOBRE O NOVO PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA DO GOVERNO FEDERAL

# ELEIÇÕES 2022

NOVA POLARIZAÇÃO OU ESPAÇO PARA A TERCEIRA VIA?

*Para todo mal,*
*imagine a cura.*

Para você imaginar sempre o melhor, a EMS, a maior indústria farmacêutica do Brasil, realiza pesquisas inovadoras, investe em tecnologia e desenvolve novos medicamentos que cuidam da sua saúde.

EMS

Sua saúde merece

# VOTO

**DIRETORA-EXECUTIVA**
Karim Miskulin
karim@revistavoto.com

**DIRETORA ADMINISTRATIVA E NOVOS NEGÓCIOS**
Laura Regenin
eventos@revistavoto.com

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

in.Pacto
INTELIGÊNCIA EM COMUNICAÇÃO

www.inpacto.co

**REDAÇÃO**
Edifício OAB
SAS Quadra 5 Bloco N salas 901-921
CEP 70070-913
Brasília/DF
Tel.: (61) 2107-9300

## PUBLICAÇÕES

**EDITOR-CHEFE**
Klécio Santos

**DIRETORA DE CONTEÚDO**
Danielle Zanchetta

**EDITORA**
Claudia Buono

**REVISÃO**
Cristiane Pinto

**DIRETORA DE ARTE**
Chica Magalhães

**DIAGRAMAÇÃO**
Pedro Amaral

**PROJETO GRÁFICO**
in.Pacto Comunicação Corporativa e Digital

**REPÓRTERES DESTA EDIÇÃO**
Jéssica Barz, Ju Nakad Sterenberg, Maria Clara Cabral, Nicole Angel, Patrícia Lima e Raiane Gonoli

**FOTOGRAFIA**
Arthur Max, Beto Barata/PR, Carolina Antunes, Fábio Risnic, Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil, Divulgação Ferreiro/Propague, Gustavo Roth, Iara Morselli, Jefferson Bernardes, Marcelo Camargo/AB, Marcello Casal Jr/Agência Brasil, Marcos Mesquita, Rovena Rosa/Agência Brasil e Valter Campanato/Agência Brasil

**COLUNISTAS**
Alexandre Kruel Jobim, Antônio Augusto Mayer dos Santos, Bruno Musa, Eduardo Bolsonaro, Karene Vilela, Marcelo Tognozzi, Mateus Bandeira e Marco Antônio Campos


As opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. Todos os direitos reservados.


**PERIODICIDADE**
Bimestral

**IMPRESSÃO**
Gráfica Coronário
SIG Quadra 6 lote 2340/70
Tel.: (61) 3038-1012

Eleições 2022: Nova polarização ou espaço para a terceira via?


**ASSINATURAS**
secretaria@revistavoto.com

site www.revistavoto.com.br | twitter @revistavoto
facebook /revistavoto | instagram @revista_voto

São Paulo/SP
Rua Professor Atílio Innocenti, 474, conjuntos comerciais nº 509/510
Edifício Lead Offices
Faria Lima - Itaim
CEP: 04538-001
Fone: (11) 3846-7222

Porto Alegre/RS
Av. Carlos Gomes, 1.155/902
CEP: 90480-004
Fone: (51) 3028-8286

# Muitas apostas para 2022

Foto: Divulgação

E chegou 2022! Que seja bem-vindo! Já vivenciando os primeiros dias desse novo ciclo, agradecemos as lições de 2021, um ano desafiador. Foi um período de perseverança e extrema resiliência. Diversos obstáculos vencidos, numa jornada cheia de dificuldades, mas também de grandes avanços. Tantos, que voltamos a sonhar, a fazer planos e a nos preparar para dias melhores. E eles estão chegando.

Ano novo pede um novo olhar e muito vigor. É preciso abrir caminhos, descobrir rotas de crescimento ou consolidar espaços já conquistados. Vamos trabalhar muito, certamente. Mas também vamos comemorar. Em 2022, o Brasil completará 200 anos de independência. E a consolidação da democracia no país, com uma economia que, apesar das adversidades, se mantém entre as maiores do mundo, é motivo para celebrar com alegria essa data.

É também com imensa alegria que vamos festejar os 18 anos do Grupo VOTO. Crescemos junto com o Brasil. Estamos tecendo uma história da qual nos orgulhamos. Ao longo desse tempo, temos construído pontes e espaços de diálogo entre diversos atores importantes para o desenvolvimento do país – políticos, lideranças empresariais e exponentes da área cultural, entre outros. Reconhecemos e comemoramos as conquistas de nossa nação, mas vislumbramos e trabalhamos por um futuro ainda melhor.

Estamos cientes de que 2022 é promissor sob vários aspectos, mas também terá seus desafios – e o principal deles virá do campo político. Teremos um ano voltado para as eleições, com antigos e novos candidatos à Presidência da República já em campanha antecipada. Seja qual for o resultado do próximo pleito, o importante será garantir os avanços já alcançados, não permitindo nenhum tipo de retrocesso. E, independente do que as urnas determinarem, vamos continuar lutando por um país melhor, mais justo, com mais oportunidades.

Desejo que todos tenham um 2022 glorioso.

“

**Estamos cientes de que 2022 é promissor sob vários aspectos, mas também terá seus desafios – e o principal deles virá do campo político.**

KARIM MISKULIN

Diretora-executiva da Revista VOTO

# VOTO

POLÍTICA, CULTURA E NEGÓCIOS

**#154**

**8**

**RETROSPECTIVA 2021**

RELEMBRE ALGUNS FATOS QUE FORAM DESTAQUE NA POLÍTICA

**14**

**CAPA**

ELEIÇÕES 2022: NOVA POLARIZAÇÃO OU ESPAÇO PARA A TERCEIRA VIA?

**28**

**ENTREVISTA EXCLUSIVA**

PROGRAMA AUXÍLIO BRASIL

**42**

**PRÊMIO PRESS**

KARIM MISKULIN É HOMENAGEADA

46

**FÓRUM MATO GROSSO**
EVENTO DEBATE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL

52

**BRASIL DE IDEIAS**
UM BRINDE À DEMOCRACIA

56

**MULHERES DE PODER**
FARO APURADO PARA A ÉTICA

58

**ADEGA**
#DRINKPINK

60

**LIFESTYLE**
UM ESCONDERIJO DE LUXO EM MONTENEGRO

13

**ANTÔNIO AUGUSTO MAYER DOS SANTOS**
A IMPORTÂNCIA DA JANELA PARTIDÁRIA

26

**EDUARDO BOLSONARO**
A TIRANIA DO PASSAPORTE SANITÁRIO

32

**ALEXANDRE KRUEL JOBIM**
QUE VENHAM AS ELEIÇÕES! TOMARA QUE 2022 TAMBÉM VENHA JUNTO

34

**BRUNO MUSA**
A MUDANÇA SILENCIOSA

38

**MATEUS BANDEIRA**
RESOLUÇÕES DE ANO NOVO

40

**MARCELO TOGNOZZI**
TRUMP, O SUJEITO OCULTO DE 2022

62

**MARCO ANTÔNIO BEZERRA CAMPOS**
O ATAQUE DOS CÃES

# RETROSPECTIVA 2021

RELEMBRE ALGUNS FATOS QUE FORAM DESTAQUE NA POLÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL

DA REDAÇÃO

O Brasil e o mundo nunca esquecerão 2021 – o ano que mudou a ciência, a medicina, a economia, o trabalho, o lazer e as relações interpessoais. Foi um ano marcado pela CPI da Covid-19, Lula elegível, filiação de Sergio Moro ao Podemos, saída de Angela Merkel após 16 anos como chanceler da Alemanha, baixa popularidade da gestão do presidente democrata Joe Biden e volta do grupo extremista Talibã ao poder.

Foi um ano de enormes perdas, em que o Brasil contabilizou 619 mil mortes causadas pela Covid-19. Mas também foi um ano de esperança, em que a vacinação avançou rapidamente, salvando milhares de vidas. Foi um ano pré-eleitoral cheio de emoções, reviravoltas e articulações. Doze meses que pavimentaram as nuances do futuro do Brasil e do mundo. Relembremos alguns acontecimentos importantes deste intenso e complexo 2021.

Foto: Divulgação

Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



## CONGRESSO NACIONAL

O ano começou com as vitórias de Arthur Lira (PP/AL) e Rodrigo Pacheco (à época no DEM/MG), eleitos para a presidência da Câmara dos Deputados e Senado Federal, respectivamente. Lira foi considerado um aliado estratégico do presidente Jair Bolsonaro para aprovar pautas do governo e atender demandas da população.

O presidente da Câmara conseguiu desobstruir matérias e aprovar 123 projetos de lei, 38 medidas provisórias, 16 projetos de lei complementar, 9 propostas de emenda à Constituição, 11 projetos de resolução e 47 projetos de decreto legislativo. Dentre eles, reformas importantes e pautas relacionadas à vacinação, como facilitação para compra de vacinas e insumos para covid-19 (MP 1026/21), mudanças no licenciamento ambiental (PL 3729/04), independência do Banco Central (PLP 19/19), privatização da Eletrobras (MP 1031/21) e regularização fundiária (PL 2633/20).

Outros destaques da gestão de Arthur Lira foram a aprovação do Auxílio Brasil (MP 1061/21) e a votação da PEC dos Precatórios, com um texto em consenso com o Senado, abrindo um espaço fiscal de R$ 43,8 bilhões no Orçamento, com a suspensão e adiamento do pagamento de dívidas da União.

Já no Senado Federal, Rodrigo Pacheco conseguiu aprovar 181 projetos de lei ordinária, 15 projetos de lei complementar, 13 propostas de emenda à Constituição, 38 medidas provisórias, 82 indicações de autoridades, 32 projetos de decreto legislativo e 40 projetos de resolução.

Pacheco foi responsável pela aprovação do PLP 10/2021, que concedeu facilidades nas regras de refinanciamento das dívidas de estados com a União. O presidente do Senado ainda destacou matérias como a Tarifa Social de Energia Elétrica para pessoas de baixa renda (PL 1106/20) e a que instituiu o Auxílio Gás aos brasileiros (PL 1374/21).

Durante a pandemia, o Senado também aprovou o projeto que autorizou o poder público a assumir riscos de responsabilidade civil nos contratos de aquisição de vacinas durante a pandemia (PL 534/21) e autorizou o governo federal a aderir ao consórcio global para aquisição de novos imunizantes por meio do Instrumento de Acesso Global de Vacinas Covid-19, o Covax Facility (MP 1003/20).

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

## CPI DA COVID-19

O Senado foi alvo dos holofotes do país em 2021 com a realização da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), pelo Senado, para investigar as ações do governo federal frente à crise sanitária provocada pela Covid-19. A Comissão foi presidida por Omar Aziz (PSD/AM), com Randolfe Rodrigues (Rede/AP) no cargo de vice-presidente e relatoria de Renan Calheiros (MDB/AL).

Ao longo de 69 sessões, realizadas entre os meses de abril e outubro, diversos profissionais dos setores público e privado, empresários, ministros e políticos prestaram depoimento. Temas como vacinas, tratamento precoce e medidas não farmacológicas, como distanciamento social, dominaram as audiências. Ao final das investigações, 78 pessoas foram citadas por suposta prática de crimes.

## SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF)

A atuação do STF teve grande relevância e visibilidade em 2021, com decisões que abrangeram variados aspectos da vida política. Em janeiro, o ministro Luiz Fux concordou com o pedido do procurador-geral da República, Augusto Aras, para abrir inquérito e investigar a atuação do então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, na crise da falta de oxigênio medicinal no Amazonas, que ocorreu em função da explosão de casos de Covid-19 na região.

Em fevereiro, o deputado federal Daniel Silveira (PSL/RJ) foi preso em sua casa, no Rio de Janeiro, após divulgar um vídeo em suas redes sociais no qual ofendia e ameaçava ministros do STF. A ordem de prisão foi expedida pelo ministro Alexandre de Moraes, e posteriormente referendada por unanimidade pelo plenário da Corte. A Câmara manteve a prisão do deputado, que hoje está em liberdade, mas com medidas cautelares e impedido de dar entrevistas sem autorização judicial.

No mês seguinte, o STF anulou as condenações de Luiz Inácio Lula da Silva no âmbito da Lava Jato, o que mudou os rumos das eleições de 2022. A decisão foi tomada pelo ministro Edson Fachin que, sendo relator da Operação Lava Jato na Corte, entendeu que a 13ª Vara Federal não tinha competência para julgar e processar o ex-presidente. A decisão anulou todas as condenações do petista, que recuperou seus direitos políticos. Os autos foram remetidos à Justiça do Distrito Federal, onde o processo deve recomeçar.

A Lava Jato sofreu outra derrota com a decisão da Segunda Turma do STF, que declarou por 3 votos a 2 a suspeição do ex-juiz federal Sergio Moro no julgamento do caso do triplex do Guarujá que condenou o ex-presidente Lula. No final, todas as decisões de Moro no caso foram consideradas inválidas.

A defesa do processo eleitoral brasileiro também ocupou o STF. A proposta do voto impresso, defendida pela base de apoio do presidente Jair Bolsonaro, foi duramente criticada pelos ministros, especialmente por Luís Roberto Barroso, que acumula a função de presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O Supremo foi firme e se posicionou na defesa das instituições e contra as chamadas fake news sobre o tema.

Após uma longa espera, André Mendonça foi sabatinado pelo Senado Federal e tomou posse no dia 16 de dezembro como ministro do STF, ocupando a vaga deixada por Marco Aurélio Mello, que se aposentou ao completar 75 anos.

Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Em dezembro, a partir de uma ação protocolada pela Rede Sustentabilidade, o STF determinou a obrigatoriedade do passaporte vacinal contra a Covid-19 para a entrada de viajantes no Brasil.

## MINISTÉRIOS

O ano também foi de dança das cadeiras nos ministérios. O campeão de substituições foi o da Saúde, que desde 2020 já teve quatro titulares. O general Eduardo Pazuello foi um dos mais longevos, tendo atuado como ministro de junho de 2020 a março de 2021. Depois dele, assumiu a pasta o médico cardiologista Marcelo Queiroga, que se mantém no cargo desde então.

Em julho, o senador Ciro Nogueira (PP/PI) foi indicado para comandar a Casa Civil, cargo considerado estratégico e fundamental nas negociações com o Congresso Nacional. Para que Ciro assumisse a Casa Civil, o general Luiz Eduardo Ramos foi nomeado para a Secretaria-geral da Presidência da República, e Onyx Lorenzoni assumiu o recriado Ministério do Trabalho e Previdência.

O Ministério do Meio Ambiente foi marcado pelo pedido de demissão de Ricardo Salles. Ele deixou a pasta depois de ser acusado de envolvimento num esquema de desvio de madeira ilegal. Seu posto foi ocupado por Joaquim Álvaro Pereira Leite. Quem também pediu para sair foi o chanceler Ernesto Araújo, que renunciou ao comando do Ministério das Relações Exteriores em março, depois de pressões de setores da economia, de parlamentares e até mesmo de membros da diplomacia, que o responsabilizavam pela dificuldade na compra e entrega de doses de vacina contra a Covid-19. Em seu lugar assumiu o diplomata Carlos Alberto Franco França.

Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

## 7 DE SETEMBRO

A data foi marcada por diversas manifestações por todo o Brasil, convocadas pela base de apoio do presidente Jair Bolsonaro. O próprio presidente subiu o tom discursando nos palanques em Brasília e São Paulo, confrontando o STF e voltando à pauta da necessidade de voto impresso para assegurar a lisura das eleições. Críticas aos governadores e às medidas de prevenção contra a Covid também estiveram na pauta dos manifestantes, que exigiam liberdade de expressão, cumprimento da Constituição, democracia e respeito absoluto às liberdades individuais. Algumas categorias, como os caminhoneiros, ameaçaram paralisar o país, pedindo até a destituição do STF e do Congresso Nacional.

Fora da base de apoio ao presidente, porém, a repercussão das manifestações foi negativa. Tanto que o ex-presidente Michel Temer foi chamado às pressas pelo presidente Jair Bolsonaro para ajudar na redação de uma "Carta à Nação", em que tentava acalmar os ânimos e desmobilizar sua militância. O documento foi importante para amenizar a tensão e cessar a crise entre os poderes.

## CASAMENTO DO PSL E DEM

A fusão do Partido Social Liberal (PSL) com o Democratas (DEM), em 6 de outubro, criou o União Brasil, com a maior bancada da Câmara (80 deputados). Agora, o próximo passo é que a legenda seja oficializada pelo TSE até março de 2022.

O novo partido terá Luiz Henrique Mandetta, ex-ministro da Saúde de Bolsonaro, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, ACM Neto, e o deputado federal e ex-presidente do PSL, Luciano Bivar. O União Brasil perderá a maioria dos políticos apoiadores do governo, que faziam parte do PSL.

## FILIAÇÕES DE JAIR BOLSONARO E SERGIO MORO

O ex-juiz da Operação Lava Jato e ex-ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, passou 2021 dando indícios de uma possível candidatura à Presidência da República em 2022, que foi confirmada com sua filiação ao Podemos em novembro. Hoje, Moro é pré-candidato e considerado um forte nome da terceira via.

Já o presidente Jair Bolsonaro confirmou, depois de uma longa negociação, sua filiação ao PL, partido presidido por Valdemar da Costa Neto, figura proeminente do Centrão. O presidente deve concorrer à reeleição pela sigla em 2022.

## ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

No dia 21 de setembro, o presidente Jair Bolsonaro abriu a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Em seu discurso, ele disse que o Brasil está trabalhando na atração de investimentos da iniciativa privada e destacou que o país tem um "grande mercado consumidor, tradição de respeito a contratos e excelentes ativos". Bolsonaro também discursou sobre compromisso firmado na Cúpula de Líderes sobre o Clima, realizada em abril, lamentou as mortes por Covid-19 e disse que o governo vai vacinar aqueles que optarem pela vacinação, entre outros temas. Tradicionalmente, o Brasil é o primeiro país a fazer o pronunciamento na reunião.

## ADEUS A BRUNO COVAS

A política nacional perdeu vários nomes relevantes em 2021, mas nenhuma dessas mortes causou tanta comoção como a do jovem prefeito de São Paulo Bruno Covas (PSDB), que faleceu no dia 16 de maio, aos 41 anos, depois de uma longa batalha contra um câncer. Após uma meteórica carreira como deputado estadual e federal, foi eleito vice-prefeito em 2016, na chapa de João Dória. Em 2018, com a renúncia de Dória para disputar o governo do estado, Covas assumiu a prefeitura da maior cidade do país, cargo para o qual foi reeleito em 2020.

Outras perdas da política nacional em 2021 foram o ex-vice-presidente Marco Maciel, o senador Major Olímpio e o prefeito de Goiânia, Maguito Vilela, estes dois últimos vítimas da Covid-19.

## MUNDO

O primeiro ano de governo do democrata Joe Biden foi marcado por crises e sua popularidade despencou, apesar de ter conseguido aprovar um ambicioso plano de estímulo à economia e de auxílio aos atingidos pela pandemia. A retirada às pressas das tropas americanas do Afeganistão, resultando na retomada do poder pelo grupo extremista Talibã, é apontada por analistas como o pior erro da administração Biden. A inflação e a alta dos preços também são motivos de insatisfação. Mesmo assim, o presidente americano tem avançado com uma das suas principais bandeiras de campanha, que é o controle do aquecimento global e a transição da economia dos Estados Unidos para um modelo menos dependente de energias poluidoras. Sua primeira iniciativa, logo após tomar posse, foi reinserir o país no Acordo de Paris, reafirmando sua meta de zerar, até 2050, as emissões de gases causadores do efeito estufa.

A chanceler da Alemanha e líder protagonista da União Europeia (UE), Angela Merkel, se despediu depois de 16 anos. Seu sucessor, Olaf Scholz, é membro do Partido Social-Democrata e ficou conhecido por ser ministro das Finanças de Merkel entre 2007 e 2009. Scholz tem discurso pró-Europa, e o cenário é de continuidade na defesa da soberania e interesses comuns do bloco. Além da pandemia, Scholz terá desafios, como a revitalização da rede de telefonia e telecomunicações nacional.

Na França, o presidente Emmanuel Macron se equilibra entre o controle da pandemia, essencial para a retomada econômica do país e do bloco europeu como um todo, e os protestos de parte da população francesa que se opõe às medidas, como a vacinação obrigatória. Uma das ondas de protestos que enfrentou, entre julho e agosto, reuniu mais de 100 mil pessoas para reclamar contra a exigência da vacina e de teste negativo para Covid-19 para frequentar bares, cinemas, restaurantes e trens. Macron também enfrentou obstáculos econômicos, que resultaram em inflação, desemprego e custo de vida alto.

Na Argentina, o presidente Alberto Fernández teve um 2021 difícil. A crise econômica no país foi agravada pela pandemia. As decisões de Fernández causaram um cenário de inflação alta, baixo poder de compra e dívida externa.

Foto: Beto Barata/Pr

Foto: Gustavo Roth

# A importância da janela partidária

> **A fidelidade partidária é daquelas situações que não comportam regramentos extremados ou contornos absolutos, tampouco penalidades destituídas de atenuantes.**

A troca de partido político no curso do mandato não pode ser censurada em termos absolutos, tampouco rotulada de injustificável ou oportunista na medida em que existem relações muitas vezes inconciliáveis entre filiados e agremiações. Sobre essas últimas, é necessário ter presente que inúmeras delas funcionam como se fossem usinas geradoras de intrigas e perfídias, e não de convergências.

Diante de tais circunstâncias, o mandatário abandonar uma legenda e ingressar noutra é algo razoável, especialmente quando o que está em jogo é a sua sobrevivência política. Caberá ao eleitor julgar tal conduta na urna eletrônica. Vale lembrar que outros países tão ou mais democráticos que o nosso instituíram formatos similares ou mesmo mais tolerantes.

Relativamente à lacuna até então existente no ordenamento, convém não esquecer que a Lei nº 13.165 concebeu a possibilidade de mudança de legenda num período determinado, qual seja, nos trinta dias que antecedem o prazo legal de filiação. Na prática, essa liberação ocorre a partir do início de março dos anos eleitorais. Embora ainda desperte alguns resmungos aqui ou acolá e sirva para reaquecer velhos preconceitos, trata-se de uma exceção legal sensata.

Indo mais adiante, é possível afirmar que na forma como ficou redigida, a possibilidade de migração partidária preservando o mandato advindo da eleição materializou algo necessário, uma espécie de salvo-conduto para aqueles que exercem a política com denodo e altivez. Por evidente, é claro, que malandros e inescrupulosos também se valem dela para as suas trocas e composições.

A seguir, por conta das armadilhas espalhadas pelo caminho, conforme advertia Edmund Burke (1729-1797), é necessário ter presente que a política não é uma ciência exata. Nela, assim como na história ou na vida, não existe um roteiro previamente determinado. Hostilidades, tramas e perseguições pessoais ocorrem ao longo de qualquer legislatura ou partido inviabilizando a permanência de um parlamentar numa bancada.

Nesse contexto, face às peculiaridades do assunto em análise, não parece restar dúvida de que a fidelidade partidária é daquelas situações que não comportam regramentos extremados ou contornos absolutos, tampouco penalidades destituídas de atenuantes.

Afinal, hoje em dia, a representação popular expressa um eixo sobre o qual circulam diversas relações. Diante disso, o abrandamento de seus contornos legais pela via da "janela de março" foi a melhor solução para um tema com tantas variáveis.

ANTÔNIO AUGUSTO MAYER DOS SANTOS

Advogado e especialista em Legislação Eleitoral
(aamsadv@gmail.com)

# Eleições 2022:
## Nova polarização ou espaço para a terceira via?

A CONVITE DA REVISTA VOTO, TRÊS ANALISTAS COMENTAM A LARGADA NO ANO ELEITORAL BRASILEIRO



Foto: Divulgação

JUSTIÇA
ELEITORAL
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
BRANCO
CORRIGE
CONFIRMA

POR PATRÍCIA LIMA

Estamos em ano eleitoral. Se de alguma forma parece que nunca saímos de 2018, também é verdade que a corrida pelo poder começa, efetivamente, agora. É neste ano que as campanhas podem oficialmente ocorrer, com a concretização das alianças partidárias que devem desenhar o quadro político do Brasil para os próximos quatro anos. Os holofotes estão voltados, é claro, para a disputa presidencial, que ainda está presa entre os dois polos: o ex-presidente Lula (PT) e o atual presidente, Bolsonaro (PL), que busca a reeleição. Mas o pleito de 2022 é muito mais do que isso. Nos estados, os governadores serão avaliados e as assembleias legislativas podem mudar; e o Congresso Nacional pode consolidar bancadas e partidos, dando o tom da condução do país nos plenários da Câmara e do Senado.

Tentando quebrar o ciclo binário de polarização, uma série de nomes orbita em torno dos dois antagonistas principais: Sergio Moro (Podemos), Ciro Gomes (PDT) e João Dória (PSDB) são os mais lembrados, mas também já se falou em Rodrigo Pacheco (PSD), Simone Tebet (MDB), Alessandro Vieira (Cidadania) e Luiz Felipe D'Ávila (Novo). Pouco ainda se tem de certo sobre esses nomes que pretendem trilhar o que se convencionou chamar de terceira via – por enquanto, a fase de conversas entre partidos é intensa. Definições mesmo só devem ocorrer após 2 de abril, quando se fecha a janela partidária.

Moedas valiosíssimas nas negociações partidárias são os cargos de vice nas candidaturas presidenciais, que movimentam o tabuleiro das

Foto: Divulgação

alianças. O presidente Jair Bolsonaro descartou repetir a dobradinha com o atual vice, Hamilton Mourão (PRTB), e deve buscar um aliado junto ao seu novo partido, o PL, no qual se filiou em novembro de 2021. Já o ex-presidente Lula deu uma guinada surpreendente ao sinalizar a possibilidade de ter Geraldo Alckmin (ex-PSDB) como vice de sua chapa. Para compor a chapa do ex-juiz Sergio Moro, por enquanto, só dúvidas: um dos nomes mais ventilados é o do deputado Luciano Bivar, presidente do União Brasil, legenda robusta criada pela fusão do PSL com o DEM; a senadora Simone Tebet (MDB) também teria sido sondada para a posição, o que agradaria Moro; até o governador de São Paulo, João Dória (PSDB), já foi tido como uma possibilidade, caso aceitasse abrir mão de sua própria candidatura para figurar ao lado do ex-ministro da Justiça; o pedetista Ciro Gomes empolgou sua militância ao levantar a possibilidade de uma parceria com a ex-senadora Marina Silva (Rede Sustentabilidade).

Ao contrário de 2018, em que a pauta do debate eleitoral girou em torno da rejeição à classe política de um modo geral, o tom da disputa de 2022 deve ser dado por um tema em especial: a economia do país. Todos as outras questões, que vão desde o combate à corrupção até a gestão da pandemia, devem perder espaço para o que é mais urgente na vida dos brasileiros: renda e emprego.

As dúvidas, porém, permanecem. Quem vai conseguir se comunicar de forma mais eficiente com os cidadãos que estão angustiados com a crise econômica? Qual nome será capaz de acalmar o mercado e consolidar investimentos e reformas, medidas essenciais para melhorar os indicadores econômicos?

Foto: Marcos Corrêa/PR



Na busca por estas e outras respostas, a Revista VOTO ouviu três analistas políticos que observam o cenário e fazem suas apostas para este eletrizante 2022. Certezas? Ainda não. Mas as análises apontam caminhos dos quais os brasileiros dificilmente conseguirão desviar.

## POLARIZAÇÃO LULA X BOLSONARO

"Creio que Bolsonaro e Lula serão os protagonistas. Não creio em 'terceira via' ou adjetivo que o valha. Um eventual terceiro nome será, na verdade, alvo de ataques de todos os demais. Só isso. Como se diz numa conversa informal: terceira via é papo furado."

Antônio Augusto dos Santos, advogado e professor de Direito Eleitoral.

"Bolsonaro e Lula têm um eleitorado bem consolidado, fiel, quase uma religião. Isso garante, em tese, a presença dos dois no segundo turno. Além da fidelidade dos eleitores, Bolsonaro tem a caneta, ou seja, tem muitos instrumentos na mão para estancar a queda na popularidade. Já Lula tem a seu favor a memória do povo sobre o seu governo e também o fato de ainda não estar exposto. Seu desempenho pode cair quando a campanha efetivamente começar. E, principalmente, um será a oposição ao outro. Bolsonaro vai se posicionar como anti-PT, e Lula, por sua vez, será a voz anti-Bolsonaro."

Caio Junqueira, jornalista e analista político da CNN Brasil.

"A polarização é a tendência mais forte, pois interessa aos dois lados. Não vejo terceira via com musculatura suficiente e com experiência política para fazer frente a essas grandes forças. Apesar de algumas pesquisas indicarem larga vantagem de Lula, o segundo turno é certo, pois Bolsonaro tem uma base muito fiel de eleitores que não baixa. Os dois têm chance de ganhar no segundo turno, é uma nova eleição."

Marcelo Tognozzi, jornalista e consultor político.

## TERCEIRA VIA

"Se a pré-candidatura de Moro realmente resultar numa candidatura, esta 'terceira via' ficará definitivamente congestionada. Entretanto, alguns de seus representantes terão desempenho eleitoral pífio ou vergonhoso, para dizer o mínimo. Sobre uma aliança entre MDB e PSDB, com uma possível aliança entre João Dória e a senadora Simone Tebet, nada é impossível no país de Macunaíma. Relativamente à senadora, conforme revelam as pesquisas do seu estado, dificilmente

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

se reelegeria. Não creio que alguém que não se reelegeria ao Senado tenha densidade ou estatura política suficiente para disputar a Presidência. O PDT é um partido que ruma ao desaparecimento, eis que terá enormes dificuldades para superar a cláusula de desempenho ou barreira. O MDB é sempre uma incógnita. O mais provável é que faça algumas cenas e alguns movimentos, mas não tenha candidato à Presidência. É um partido sem uma referência para disputar a Presidência. E isso lhe é muito conveniente desde 1989, conforme se pode constatar."

Antônio Augusto dos Santos

"Moro e Dória precisariam se firmar como mais capazes de derrotar o Lula ou mesmo Bolsonaro, que precisaria cair abaixo dos 20% para ficar fora do segundo turno. Só assim vejo chance de terceira via. Bolsonaro chegando a 15% ou menos e a população acreditando que um dos dois é mais competente para derrotar Lula. Pelo lado da esquerda, não vejo Ciro deslanchar, justamente porque o problema dele é o Lula. O ex-presidente é o principal nome da esquerda, tem legado, tem eleitores, é quase impossível disputar com ele. Além disso, Ciro não acerta o discurso, uma hora bate no Lula, outra bate em Bolsonaro. Nesse cenário, terceira via é quase impossível."

Caio Junqueira

"A terceira via está inviabilizada, pois não há nomes capazes de tirar do segundo turno um dos dois candidatos. Sergio Moro, por exemplo, vai para sua primeira eleição, sem qualquer experiência política. Está acostumado a conjugar os verbos no imperativo, 'cumpra-se' como fazia no Judiciário, o que não funciona no ambiente político. Apesar de ter políticos experientes em seu entorno, não tem força para crescer. Outro nome que não avança é Ciro Gomes, que andou para trás e agora estacionou. Ou seja, não existe terceira via."

Marcelo Tognozzi

## A PAUTA DA ELEIÇÃO

"O tema da corrupção estará diluído em 2022 numa pauta ampla e inespecífica, a qual deverá enveredar em torno da Lava Jato, de mudanças na estrutura do STF, das inconvincentes absolvições e solturas de criminosos confessos, e por aí. Já as questões relacionadas aos preços, ao poder aquisitivo e à inflação, correspondem a temas mais sensíveis e capazes de refletir diretamente no cotidiano e na opção dos eleitores, razão pela qual deverão predominar. O Auxílio Brasil é uma ação governamental que pode influenciar eleitoralmente, na medida em que viabiliza a manutenção de pessoas e famílias necessitadas. Isto, ou seja, o

Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

reflexo eleitoral, seria um desdobramento natural, tal qual em governos anteriores."
Antônio Augusto dos Santos

"O eleitor está pensando em resolver seus problemas imediatos como emprego, renda, salário, sustento da família. E esses problemas precisam ser resolvidos agora, com urgência, hoje ou amanhã. Esse será o tom da eleição. Conforme a pandemia foi arrefecendo, o problema da economia passou a ser o principal. A pandemia até estará na eleição, mas em segundo plano. Vai vencer quem conseguir apresentar um caminho para a população ter trabalho e renda."
Caio Junqueira

"Essa eleição será decidida pelo tema do emprego e da renda. A preocupação das pessoas é com a sobrevivência e elas irão votar em quem vejam mais condições de resolver essas questões mais imediatas, como inflação e renda das famílias. O pagamento do Auxílio de R$ 400 para a população que está na pobreza será muito importante. Por um lado, existe a memória do Bolsa Família, concedido pelo governo do PT. Mas este auxílio atual é maior e muito relevante para as famílias. Sua consequência eleitoral não pode ser desprezada, dinheiro na mão vai importar. A pauta prioritária será o desempenho da economia."
Marcelo Tognozzi

## ALIANÇA LULA & ALCKMIN

"Vejo esta aproximação como prova irrefutável da falência do já aniquilado e claudicante sistema partidário brasileiro, bem como uma total falta de escrúpulos pelos dois personagens."
Antônio Augusto dos Santos

"Foi o grande fato de articulação política do final do ano passado, que neste momento está estacionado. O fato é que existe uma dificuldade, especialmente em função da impossibilidade de uma aliança em São Paulo. Tendo a achar que essa aliança é um pouco mais benéfica para Alckmin do que para o próprio Lula, embora não ache de forma alguma ruim para o petista. Lula ainda tem dificuldade de dizer ao mercado, aos setores produtivos e ao centro que não será um revanchista radical. Alckmin agrega justamente aí, fazendo pontes com o setor privado. Por outro lado, para o ex-tucano a aliança é excelente, pois ele pega carona em uma candidatura forte."
Caio Junqueira

"Alckmin estava quieto no canto dele e Lula foi atrás. Agora, parte do PT acha que vale a pena investir nessa aliança. Tem gente fazendo o seguinte cálculo: Lula poderá ser eleito aos 77 anos, vai encerrar o mandato com 81. Existe chance de não terminar o mandato, logo, precisa de um vice

Foto: Agência Brasil

que governe. Também precisa de um elemento que o tire da bolha petista. Alckmin, por sua vez, ainda não fez nenhum movimento, está inclusive liderando as pesquisas para o governo de São Paulo. Está esperando para ver."

Marcelo Tognozzi

## BOLSONARO NO PL

"Sobre o presidente estar no PL para disputar a reeleição, além da exigência constitucional da filiação, trata-se de uma oportunidade atrativa para ambos. Ao presidente, porque se trata de uma agremiação com razoável estrutura nacional e dotada de orçamento e horário de rádio/TV; ao PL, porque verá as suas filiações e cadeiras parlamentares fermentadas, tanto em relação ao Congresso Nacional quanto às assembleias legislativas e aos governos estaduais."

Antônio Augusto dos Anjos

## PANDEMIA

"A pandemia, ainda que estejamos diante de uma nova e lamentável cepa de contágios, imagina-se que não tenda a ser uma pauta exatamente dominante na campanha, embora certamente os adversários do presidente utilizem-na para atacá-lo pessoalmente, assim como ao governo. Já a inflação, diante da incessante guerra de dados, tende agora a ter uma importância maior em termos de munição eleitoral para todos que concorrerem. Vejo a modernização do país, o plano de privatizações, a geração de empregos, a mobilidade urbana e o desgaste dos Tribunais Superiores como eixos de pautas mais consistentes."

Antônio Augusto dos Santos

"A pandemia estará na eleição, mas não será o principal fator. A gestão de Bolsonaro na crise sanitária vai contar, claro, mas não será decisiva. O difícil é explicar por que o presidente faz questão de se descolar da vacina. Um pouco é crença pessoal, ele acredita mesmo naquilo, recebe muita informação por WhatsApp e acaba acreditando que é fato. E, quando polemiza sobre esse tema, aquece a militância, que passa a defendê-lo, e as interações crescem. Os eleitores mais leais o consideram autêntico e ele cresce entre esse grupo."

Caio Junqueira

"As pessoas já não estão tão preocupadas com a pandemia. A adesão à vacina foi massiva, pesquisas mostram que 90% da população está disposta a usar máscara. A tendência é que cada vez menos pessoas morrerão de Covid-19. Por isso, a pandemia será pauta secundária. O que não significa, por exemplo, que Bolsonaro não precise explicar por que negou tanto a vacina. Aliás, é difícil com-

Foto: José Cruz/Agência Brasil



preender por que o presidente não está aceitando faturar politicamente com a vacina, que afinal o governo dele viabilizou. Não sei que informação ele tem. O fato é que o desempenho brasileiro é melhor que o americano, pois o brasileiro adere à vacinação. Mas, de qualquer modo, a pandemia não será o principal tema desse pleito."

Marcelo Tognozzi

## RENOVAÇÃO NO LEGISLATIVO

"Vejo a tendência do voto conservador, o que pode gerar um Congresso ainda mais conservador do que o atual. Não teremos uma maioria progressista. A fonte primária de votos e de poder segue sendo as bancadas evangélica, rural e da segurança, porque é daí que virão a maior parte dos votos. Hoje, Lira e Pacheco ditam a agenda do país, o que deve permanecer na legislatura a partir de 2022."

Marcelo Tognozzi

## Conheça os pré-candidatos

- Jair Bolsonaro (PL)
  Possível vice – não definido
- Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
  Possível vice – Geraldo Alckmin (ainda sem partido)
- Sergio Moro (Podemos)
  Possível vice – Luciano Bivar (União Brasil) ou Simone Tebet (MDB)
- Ciro Gomes (PDT)
  Possível vice – Marina Silva (Rede Sustentabilidade)
- João Dória (PSDB)
  Possível vice – não definido
- Rodrigo Pacheco (PSD)
  Possível vice – não definido
- Alessandro Vieira (Cidadania)
  Possível vice – não definido
- Luiz Felipe D'Ávila (Novo)
  Possível vice – não definido

## Sobre as eleições

- As eleições estão marcadas para o dia 2 de outubro, quando os brasileiros vão às urnas para eleger Presidente da República, governadores, senadores e deputados federais, estaduais e distritais.
- O segundo turno será realizado no dia 30 de outubro.
- Alguns prazos já começaram a valer desde o dia 1º de janeiro, como a obrigatoriedade de registro de pesquisas eleitorais, a limitação de despesas com publicidade dos órgãos públicos federais, estaduais ou municipais e a proibição da distribuição gratuita de bens, valores ou benefícios a cidadãos por parte da Administração Pública. Há exceção em casos de estado de calamidade ou emergência pública e programas sociais que já estavam em andamento.
- Entre 3 de março e 1º de abril, acontece a janela partidária, período em que deputados federais, estaduais e distritais poderão trocar de partido para concorrer às eleições sem perder o mandato.
- Dia 2 de abril, seis meses antes do pleito, é data-limite para que todas as legendas e federações partidárias obtenham o registro dos estatutos no TSE.
- Este também é o prazo final para que todos os candidatos tenham domicílio eleitoral na circunscrição em que desejam disputar as eleições e estejam com a filiação deferida pela agremiação pela qual pretendem concorrer.
- Presidente da República, governadores de estado e prefeitos que pretendam concorrer **a outros cargos** em 2022 têm até esta data para renunciar aos respectivos mandatos.
- No dia 4 de maio, 151 dias antes do pleito, vence o prazo para que os eleitores realizem operações de transferência do local de votação e revisão de qualquer informação constante do Cadastro Eleitoral. Quem tem mais de 18 anos e ainda não possui título eleitoral também tem até este dia para solicitar a emissão do documento.

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

## É no hoje que a gente constrói o amanhã.

O plano antirracista do Grupo Carrefour Brasil reforça nosso compromisso com o combate ao racismo estrutural e com a valorização da diversidade e da equidade. São diversas iniciativas voltadas para colaboradores, clientes, fornecedores, parceiros e sociedade já implementadas. Conheça algumas delas:

### DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA

**Novo perfil de agentes de segurança:** mais mulheres e pessoas negras, além de tecnologia e protocolos **HUMANIZADOS.**

Reforço e criação de novos **Canais de Denúncia.**

Em 2021,

**61%**

das contratações foram de colaboradores **PRETOS E PARDOS.**

**100%**

de internalização da equipe de prevenção.

**Milhares de colaboradores treinados** em compliance ética, integridade e novo protocolo de segurança

### EMPREGABILIDADE

Em breve

**Qualificação de + 200 jovens em tecnologia** para o mercado de trabalho.

**+ 10 mil**

**PESSOAS NEGRAS** contratadas.

**Programa Talentos do Futuro Liderança Negra**

30 vagas para profissionais negros ocuparem posições de liderança no Grupo Carrefour. Programa com módulo internacional.

#NãoVamosEsquecer

## EDUCAÇÃO

### Programa Estágio Afirmativo

Aprovação de 18 jovens negros e negras, moradores de favelas, no vestibular e em nosso Programa. Incentivo à permanência na graduação por meio do pagamento de suas mensalidades.

### Programa IDE (inclusão, diversidade e equidade)

O objetivo é impulsionar carreiras e a diversidade em lideranças para colaboradores(as) Carrefour. + 600 inscritos.

### Aceleração de carreira

+ 100 COLABORADORES/ANO.

**+ 40 mil**

colaboradores treinados e capacitados em **LETRAMENTO RACIAL.**

## EMPREENDEDORISMO

**38** organizações e projetos contemplados nos primeiros editais.

APOIO INSTITUCIONAL A ORGANIZAÇÕES · FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO NEGRO · INICIATIVAS DE COMBATE AO RACISMO

### Inclusão de novos fornecedores negros

em nossa rede de fornecedores e muitos outros sendo mapeados

### Mercado IAÔ

Investimento no Programa de Afroempreendedorismo organizado pela Associação Fábrica Cultural. Projeto voltado ao desenvolvimento de empreendedores negros por meio do apoio, qualificação e aceleração de seu negócio.

Vamos **#JuntosParaTransformar.**
Acesse **www.naovamosesquecer.com.br,** conheça os projetos e apoie a luta antirracista.

GRUPO CARREFOUR BRASIL

Atacadão · Carrefour · Carrefour soluções financeiras · carrefour property

publicis

Foto: Arthur Max

> **A indignação é mundial: condicionar a circulação do indivíduo a um documento remete aos piores momentos da história, em que cidadãos inocentes eram marcados com selos para definir quem tinha direito a quê.**

# A tirania do passaporte sanitário

DE tempos em tempos, a tirania se renova e ganha novas faces para destruir a liberdade. Ao longo da história, os mais atentos sabem que qualquer oportunidade será usada para que os interessados em controlar a população e sufocar a individualidade entrem em ação.

E nesta pandemia tivemos inúmeros exemplos disto, no Brasil e no mundo. Enquanto o presidente Jair Bolsonaro era uma voz isolada defendendo a liberdade e suas prerrogativas constitucionais para agir eram retiradas, autoridades e figuras influentes faziam o que queriam. Governadores, prefeitos, juízes e outros se voltaram contra a população, impondo lockdowns, espancando pais de família e destruindo o sustento de milhões de brasileiros. Agora isso progride para uma nova etapa: o passaporte de vacina.

Antes de tudo, é importante esclarecer: ser contra o passaporte sanitário não significa ser contra a vacina. Então, os "especialistas" da mídia passaram a dizer que essa minha distinção seria uma contradição, como se para ser a favor da imunização devêssemos concordar com a sua obrigatoriedade. Não. Isso se chama defesa da liberdade, uma vez que luto para que qualquer indivíduo possa ter a opção de escolher se vacinar ou não. Ainda mais em um momento no qual sabemos que este recurso ainda é experimental e não tem anos de eficácia comprovada.

A indignação é mundial: condicionar a circulação do indivíduo a um documento remete aos piores momentos da história, em que cidadãos inocentes eram marcados com selos para definir quem tinha direito a quê. E, depois, este carimbo servia para abalizar seu extermínio. Numa socie-

dade que ainda pode se dizer livre, é ultrajante aceitarmos calados algo deste tipo.

Já passamos pela primeira, pela segunda, agora pela terceira dose, e nada disso se mostra suficiente para diminuir o atrevimento daqueles que querem tratar a população como gados confinados, que se sentem privilegiados quando suas gaiolas são abertas por um breve período.

Conhecendo como a política esquerdista pensa, podemos ter certeza: ou este ultraje é finalizado logo em seu começo, ou passaremos para etapas muito piores no futuro. Imagine, por exemplo, uma sociedade onde a possibilidade de trabalhar ou acessar um supermercado estaria condicionada a um registro, no qual o cidadão provaria ter passado por treinamentos a favor de absurdos como aborto ou ideologia de gênero? Não estamos longe disto.

Todo este sentimento pode ser sintetizado em duas frases, de dois chefes de Estado norte-americanos. Responsável pelo fim da Guerra Fria e por derrotar o projeto socialista de sua época, Ronald Reagan era duramente criticado, pela imprensa e pela esquerda, por sua postura combativa. Mas entrou para história como um guerreiro contra qualquer tipo de autoritarismo, postura definida em seu ensinamento clássico: "A liberdade nunca está a mais de uma geração distante da extinção. Nós não a legamos para nossos filhos hereditariamente. Ela deve ser defendida, protegida e entregue a eles para que façam o mesmo".

Outro exemplo vem de apenas uma frase, comumente atribuída a Thomas Jefferson, terceiro presidente dos Estados Unidos e um dos principais autores da declaração de independência daquele país. Mesmo após 195 anos da morte do patriarca, sua síntese segue cada vez mais atual: "O preço da liberdade é a eterna vigilância".

EDUARDO BOLSONARO

Deputado federal por São Paulo

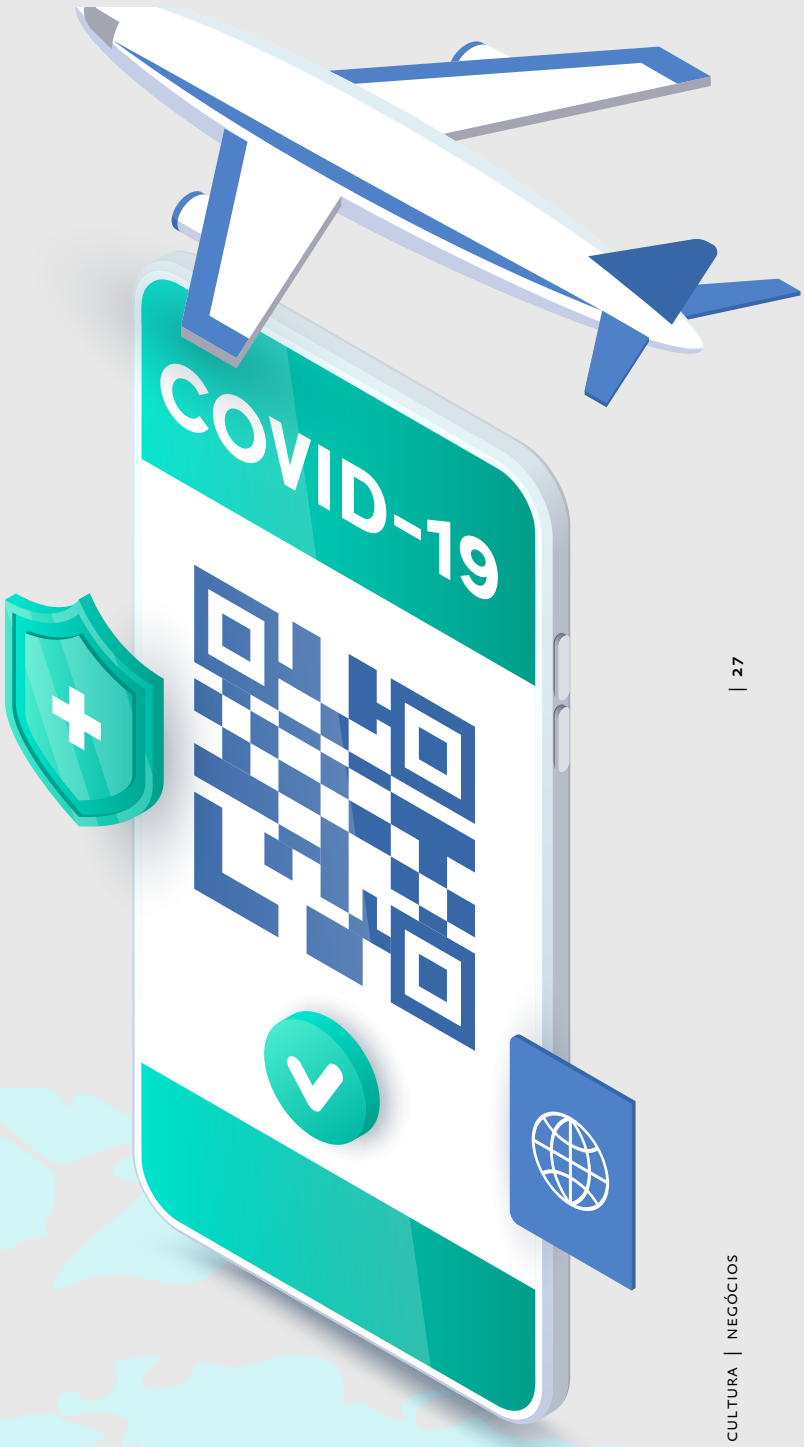

Foto: Carolina Antunes



# Proteção social renovada com o Auxílio Brasil

## NOVO PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA DO GOVERNO FEDERAL BUSCA A ERRADICAÇÃO DA POBREZA EXTREMA E A EMANCIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS

POR PATRÍCIA LIMA E JÉSSICA BARZ

Uma nova fase no sistema de proteção social brasileiro foi inaugurada na noite de 8 de novembro de 2021. O presidente Jair Bolsonaro editou o decreto que regulamenta o Auxílio Brasil, novo programa de distribuição de renda do governo federal. Além de assistir a população mais vulnerável, seu objetivo é promover a mobilidade social, ou seja, a progressiva emancipação das famílias, sempre que isso for possível, por meio do estímulo ao estudo e da inserção das pessoas no mercado de trabalho. O documento publicado em edição extra do Diário Oficial da União prevê que todas as famílias atendidas pelo Bolsa Família sejam migradas para o Auxílio Brasil, sem a obrigatoriedade de recadastramento.

**O Auxílio Brasil é o sucessor do Bolsa Família, pois promove melhorias e oferece mecanismos mais eficientes para distribuir os recursos entre as pessoas que mais precisam, corrigindo distorções e ampliando a base de usuários.**

JOÃO ROMA

Ministro da Cidadania

Responsável pela operacionalização do programa, o Ministério da Cidadania calcula que o Auxílio Brasil beneficiará 17 milhões de famílias, um aumento em relação às 14 milhões que recebiam o Bolsa Família, zerando a fila de espera. Segundo o governo, o Auxílio Brasil aprimora a política de transferência de renda, integrando benefícios de assistência social, saúde, educação e emprego, ao mesmo tempo em que garante uma renda básica às famílias em situação de vulnerabilidade. Em entrevista à Revista VOTO, o ministro da Cidadania, João Roma, ressalta que o Auxílio Brasil é o sucessor do Bolsa Família, pois promove melhorias e oferece mecanismos mais eficientes para distribuir os recursos entre as pessoas que mais precisam, corrigindo distorções e ampliando a base de usuários.

Ainda segundo Roma, a consolidação do Auxílio Brasil chega em um momento de grande instabilidade na economia devido à pandemia, o que torna essa evolução ainda mais urgente. O ministro explica que, com o advento do Auxílio Emergencial, que começou com R$ 600, em 2020, e seguiu sendo pago em 2021, com valores menores, os beneficiários do extinto Bolsa Família tiveram um significativo aumento de renda. Quando o Auxílio Emergencial acabou, em função do arrefecimento da crise sanitária gerada pela Covid-19, esses usuários tiveram uma queda brusca em sua renda. É para equalizar os ganhos dos mais vulneráveis, nesse período em que a retomada da economia do país ainda não atingiu as camadas mais pobres, que o governo pleiteou um espaço fiscal no Orçamento da União, a fim de pagar um extra no ticket, para que nenhum beneficiário receba menos de R$ 400 até o final de 2022.

"A PEC dos Precatórios viabiliza um reforço no programa social nesse período de transição da pandemia, para que nenhum dos beneficiários tenha queda em sua renda. É um benefício compensatório, equalizador, para que ninguém receba menos nesse período", explica Roma. Para se ter ideia, o valor recebido por um beneficiário do Bolsa Família era de R$ 189. Agora, com o Auxílio Brasil, esse ticket médio sobe para R$ 224. Esse valor, porém, não é fixo e depende das variáveis estipuladas na mecânica do programa (confira no quadro).

A fim de esclarecer as dúvidas geradas pela PEC dos Precatórios, que adia o pagamento de dívidas da União para abrir espaço fiscal no caixa do governo, Roma explica que o Auxílio Brasil é um programa de Estado, de caráter permanente e cuja fonte de financiamento é o Orçamento da União, com dotação prevista dentro dos limites fiscais. O espaço aberto pela PEC garante somente a equalização de ganhos nesse período final de pandemia, até o final de 2022, para dar tempo, aos usuários que tiveram aumento de renda com o Auxílio Emergencial, e que agora ainda precisam de um complemento, de se recuperarem.

## FOCO NO DESENVOLVIMENTO DA JUVENTUDE E NA EMANCIPAÇÃO

O Auxílio Brasil tem como finalidade, além de reduzir as situações de pobreza e de extrema pobreza, promover, prioritariamente, o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, por meio de apoio financeiro às famílias. Ele amplia a oferta do atendimento em creches, além de estimular o desenvolvimento esportivo e científico em crianças, adolescentes e jovens, e incentivar a inclusão produtiva e o empreendedorismo na população adulta. "O Auxílio Brasil é um programa permanente e que já nasce com valores mais generosos do que o seu antecessor. É uma política que traz maior segurança para as famílias vulneráveis planejarem suas vidas", disse o senador Roberto Rocha (PSDB/MA), relator da MP nº 1.061/2021, que criou o Auxílio Brasil, no início de dezembro, quando ela foi aprovada no Senado.

Outro destaque do programa são as regras de emancipação, que determinam que as famílias que tiverem aumento da renda familiar mensal per ca-

pita em valor que ultrapasse em até duas vezes e meia a linha de pobreza (R$ 210), poderão permanecer no programa por mais 24 meses. O objetivo é dar ao beneficiário a segurança de que ele terá o suporte do governo federal durante o processo de emancipação social. Após o período de 24 meses, a família será desligada do programa. Em caso de perda da renda adicional, a família retorna ao Auxílio Brasil com prioridade, se atender aos requisitos estabelecidos para recebimento dos benefícios.

Confira a entrevista exclusiva que o ministro da Cidadania, João Roma, concedeu à Revista VOTO, sobre o novo programa social.

**Revista VOTO – Há muita confusão sobre o financiamento do Auxílio Brasil e a PEC dos Precatórios. Como esclarecer essas dúvidas, já que a PEC foi aprovada e o Auxílio Brasil também?**

**Ministro João Roma –** A fonte de recursos para o Auxílio Brasil é o Orçamento da União. O que está sendo viabilizado na PEC é o benefício compensatório. O Auxílio Brasil é o programa permanente de transferência de renda do governo, que sucede o Bolsa Família. O Auxílio Brasil é o Bolsa Família 2.0, que evolui nessa matéria. As políticas de transferência de renda, ou seja, o Estado entregando recursos diretamente para o cidadão, começaram a se consolidar no Brasil depois da Constituição de 1988. Até então, as políticas de assistência social se davam por meio de organismos governamentais vinculados às secretarias de assistência social, normalmente chamados de CSUs – os Centros Sociais Urbanos. Foi uma coisa estruturada no governo militar, quando se montava um equipamento perto de uma comunidade, e ali eram oferecidos serviços variados, desde corte de cabelo até esportes e vacinação. Eram espaços paraestatais, como as Associações do Banco do Brasil, os Sesi e os Senais, cujo objetivo era prover a população de serviços de assistência. Depois de 88, novas ferramentas apareceram. No mundo, ocorreram exemplos do avanço de discussões como Imposto de Renda Negativo e Renda Básica do Cidadão. Por aqui, também avançaram os debates sobre como o Estado poderia ser mais eficaz para prover assistência para o cidadão. Isso tomou um vulto maior no governo Fernando Henrique Cardoso, quando se estruturou o Bolsa Escola, o Vale Gás, o Vale Leite. O PT foi eleito e seu programa social era o Fome Zero, tanto que este ministério se chamava Combate à Fome. O primeiro semestre da implantação do Fome Zero foi de falhas, pois não conseguiu superar a fome, com falhas na entrega no projeto social. No segundo semestre de 2003, o governo reuniu os programas já existentes, empacotou e lançou o Bolsa Família. No começo era frágil, com escândalos, denúncias de partidarismo e pagamentos por meio de uma planilha de Excel. Foi quando se fortaleceu o CAD Único, o cadastro único das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Dentro disso, o programa avançou e tornou-se permanente, com um fundo de combate à pobreza protagonizado pelo Congresso Nacional, viabilizando recursos para a superação da pobreza no Brasil. Isso avançou, com recursos assegurados de R$ 35 bilhões para a política de transferência de renda do governo.

**Revista VOTO – E agora esse programa está se transformando novamente, certo?**

**Ministro João Roma –** O que está sendo feito agora? Houve uma mudança na política de transferência de renda e reformulou-se esse mecanismo, lançando um novo programa, chamado Auxílio Brasil, que não é apenas uma nova embalagem para o Bolsa Família. É um mecanismo que agrega políticas públicas executadas de forma coordenada, com maior eficácia na construção de uma teia de proteção social. Da forma como estava organizado, o Bolsa Família não estava viabilizando a emancipação das famílias: a pessoa em situação de necessidade recebia a ajuda do Estado para compensar, mas isso não estava sendo suficiente para transformar a realidade daquela pessoa. Com o Auxílio Brasil, queremos acoplar e fortalecer políticas públicas de transferência de renda e impulsionar as ferramentas de transformação social, mudando a realidade das famílias.

**Revista VOTO – O Auxílio Brasil é política de Estado e está previsto no Orçamento da União, então. Mas para que serviu o espaço fiscal aberto pela PEC dos Precatórios?**

**Ministro João Roma –** Então, para não confundir: a fonte de recursos para o Auxílio Brasil é o Orçamento da União, já que este é um programa permanente, que perdurará. Isso significa que todos os beneficiários do Bolsa Família já estão contemplados pelo Auxílio Brasil, sem necessidade de fazer outro cadastro. Nenhum dos integrantes do novo programa receberá menos do que recebia no antigo. E além desses 14,7 milhões de beneficiários, também zeramos a fila, pois há pessoas que são aptas e não recebem nada. Já a PEC dos Precatórios viabiliza um reforço no programa social nesse período de transição da pandemia, para que nenhum dos beneficiários receba menos de R$ 400. É um benefício compensatório, equalizador, para que

ninguém receba menos nesse período. Diferente do Auxílio Emergencial, o programa permanente não tem ticket pré-definido para todos. O Emergencial começou com R$ 600, depois virou R$ 300, depois R$ 150 ou R$ 375, dependendo da constituição familiar. O Auxílio Brasil tem condicionantes, pois vai além da definição do ticket de cada pessoa. Observa outras coisas como a constituição familiar, o foco na primeira infância, a superação da extrema pobreza. São esses condicionantes conjugados que geram o valor do ticket de cada pessoa. Com esses condicionantes, muitas pessoas tiveram redução no valor recebido, em comparação com o que recebiam no Auxílio Emergencial. Aí entra a necessidade circunstancial de complementar essa renda, já que a pandemia está passando, mas os efeitos sociais e econômicos ainda não foram superados, especialmente para a população vulnerável. Nós estipulamos um prazo de 14 meses para a vigência dessa ferramenta compensatória, que irá reforçar os ganhos das pessoas enquanto a crise provocada pela Covid-19 ainda é sentida na economia. Portanto, a ideia é que ela perdure até meados de dezembro de 2022. Nós buscamos financiar esse reforço com a PEC dos Precatórios, para abrir espaço fiscal para financiar os R$ 31 bilhões que esse compensatório deve custar.

**Revista VOTO – Existe possibilidade de que esses valores compensatórios se tornem permanentes? Como o governo está trabalhando com isso?**

**Ministro João Roma** – O governo não está trabalhando com essa possibilidade ainda. O Orçamento é atribuição do Legislativo. Esse tema de manter o auxílio permanente veio do Senado Federal, e para tanto é preciso apontar a fonte de recursos para uma despesa continuada. Nós abrimos um espaço fiscal com a PEC dos Precatórios, mas é transitório. Não vamos ter esse espaço fiscal todos os anos. Para inserir R$ 30 bilhões por ano no orçamento, tem que se indicar a fonte.

**Revista VOTO – A promessa é que o Auxílio Brasil traga modalidades que enquadrem com mais eficiência as necessidades dos usuários e as possibilidades de emancipação. Como essas modalidades avançam?**

**Ministro João Roma** – Antes, a equação para o cálculo do benefício era complexa, com seis variantes e mais a regra de superação de extrema pobreza. Havia, por exemplo, um limbo para os adolescentes. Conseguimos uma equação que passou de seis para três condicionantes, evitando o limbo de cidadãos, como os adolescentes. Tem uma ferramenta que é o âmago do programa, o Auxílio Inclusão, para a superação da situação de vulnerabilidade. É a manutenção de parte do BPC, mesmo que o beneficiário entre no sistema formal de trabalho. Assim, as pessoas vão para outro patamar de renda, com as garantias e benefícios do trabalhador. Dá acesso a outros bens, com a proteção da rede trabalhista. E isso possibilitará que a pessoa eventualmente saia do programa social e passe a integrar o mercado de trabalho, ascendendo socialmente, mas sem o risco de perder o benefício social. Se a pessoa é beneficiária do Auxílio Brasil, ela tem regra de permanência ao assinar a carteira de trabalho, e ainda ganha um adicional de R$ 200 se conseguir um emprego formal. Esse era um gargalo do Bolsa Família, que não estava emancipando as pessoas, pois havia desvantagem em sair do programa. Com interligação de políticas públicas, criamos trilhas de proteção. Esse é o caminho.

Foto: Imagem Ilustrativa

Foto: Carolina Antunes

> **Como receptores ou julgadores, estamos todos nós, cidadãos, que temos que formar nossa opinião com base em fatos e notícias muitas vezes falseados, exagerados ou deturpados.**

# Que venham as eleições! Tomara que 2022 também venha junto

Muitos pensadores da política, da economia e do direito têm afirmado que o processo eleitoral atual começara já em 2019, quando do início dessa gestão. Não sei ao certo se o motivo foi uma insatisfação dos perdedores na arrancada do governo Bolsonaro ou, de fato, a disputa pelas eleições de 2022 começou muito mais cedo do que deveria, dando azo aos equívocos e aparelhamento tanto da situação quanto da oposição, na busca do poder, e pelos "fatores reais do poder", como dizia Ferdinand Lassale.

Este processo eleitoral "alongado", e de certa forma mais áspero como tem sido, não é sadio, pois todos os acertos e desacertos de quem quer que seja tomam uma dimensão exagerada das críticas por ambos os lados. A situação, por sua vez, erra e acerta, mas sempre "cutucando" os adversários, deixando para um segundo plano as obrigações e necessidades do objeto dos erros e acertos da gestão. Os oposicionistas, de outra banda, não ficam satisfeitos ou dão trégua com os acertos da situação. Sempre querem encontrar algum defeito para poderem desqualificá-los a qualquer custo.

No meio deste "entrevero" estão os meios de comunicação, tradicionais ou digitais, estes muito mais proeminentes e rápidos na disseminação das notícias, sejam elas verdadeiras ou "fakes", como são chamadas aquelas com o intuito de "desinformar". E, como receptores ou julgadores, estamos todos nós, cidadãos, que temos que formar nossa opinião com base em fatos e notícias muitas vezes falseados, exagerados ou deturpados.

Como deveríamos agir? A quem devemos ouvir, acreditar? Será que somos hipossuficientes

na capacidade de formar opinião, como presumem aqueles que tentam influenciar ou dirigir a opinião pública?

Os meios de comunicação são fontes de informação e sua credibilidade se afere no acerto sobre a neutralidade de opinião. Não devem e não podem exagerar na valoração ou adjetivação dos fatos com o propósito de tentar "definir" o que o cidadão deve pensar a respeito de uma narrativa; devem, sim, levar informação verídica, com averiguação e isenção.

Será que o processo eleitoral teria tido esta antecipação toda se não fossem as intenções de alguns, incluindo divulgadores, de macular tudo o que se faz por uma gestão de governo? Não quero aqui defender ou maltratar a gestão, apenas colocar em reflexão se queremos entrar em 2022 para chegarmos logo em outubro, nas eleições, ou queremos de fato torcer, rezar, para que tenhamos um excelente 2022 como escrevemos nas mensagens de fim de ano.

Não há dúvida de que o processo político eleitoral é necessário, e as antecipações da disputa dependem de contextos e cenários diversos, o que faz parte da nova dinâmica mundial; contudo, devemos também pensar em sobreviver, em colaborar para que haja um cenário de saúde, de segurança, inclusive a jurídica, de paz, de colaboração mútua entre governantes e governados, de ideias propositivas e não apenas críticas de cunho eleitoreiro.

Enfim, temos que torcer pela boa condição de um próspero ano de 2022 – com a chegada das eleições no seu último trimestre, não o inverso. E para tanto, não nos subestimarmos na nossa capacidade de formar opinião pelas nossas experiências, por afinidades, por questões culturais, pelo regionalismo e nacionalismo ao mesmo tempo; e menos pela influência de intermediários do processo político.

ALEXANDRE KRUEL JOBIM

Advogado e mestre em Direito pela University of Texas School of Law

Foto: Divulgação

> **O princípio básico da ética libertária dentro do anarcocapitalismo é basicamente que não podemos, em hipótese alguma, agir de forma agressiva para com alguém.**

# A mudança silenciosa

O anarcocapitalismo, que, por fim, começa a ser comentado e mais difundido, apesar de todas as barreiras culturais que ainda precisa quebrar, vai muito além do que prega o liberalismo. Não foca apenas nas relações comerciais, como o liberal clássico; vai bastante além.

Ele envolve também as relações entre as pessoas, a ética libertária e a moral. Leva em consideração três pilares que são e devem sempre, sem exceção, ser soberanos e respeitados: vida, liberdade e propriedade privada.

Quando falamos em propriedade privada, não pensemos apenas em nossa casa ou terreno, mas sim em nossos corpos, por exemplo. O princípio básico da ética libertária dentro do anarcocapitalismo é basicamente que não podemos, em hipótese alguma, agir de forma agressiva para com alguém. Claro que se nos agredirem temos o direito de devolver a agressão, mas jamais desencadearmos algo por meio dela.

Dentro dessa lógica, os três pilares citados acima não podem nem devem ser desrespeitados, principalmente de forma agressiva. Ou seja, não se pode aceitar qualquer ação coercitiva de alguém sobre nós ou sobre o que nos pertence. E aqui chegamos ao cerne da questão.

Nos ensinam, desde que nascemos, que temos um "contrato" (mesmo que ele nunca tenha sido assinado) com o Estado e governos centrais. E que estes podem agir coercitivamente conosco (na verdade, sempre agem assim). Até por isso, nos parece extremamente estranho questionar esse poder que tanta força exerce sobre nossas vidas, costumes, valores, comportamentos diários, etc.

Você já pensou como o Estado age sobre nós? Impostos são cobrados de forma coercitiva. Educação? Aprendemos e estudamos o que algum órgão público aprova. Saúde? Mesmo a privada é altamente regulada por regras determinadas pelo Estado. O que comemos, bebemos, como nos comportamos, como produzimos em nossas empresas – tudo, absolutamente tudo sob regras desenhadas por esse grande Leviatã.

Mas, afinal, quem é o Estado? É o João, a Maria? O Estado não é uma pessoa, e por isso soa abstrato e simbólico. Assim, fica mais fácil colocar a "culpa" ou "responsabilidade" em cima dele. O Estado é formado por pessoas que, em grupos seletos e pequenos, desenham para nossas vidas tudo que mencionei acima. Um grupo que se acha superior a nós, meros civis. Criam algumas regras de conduta e de comportamento, colocam no papel, e pronto!

Aprendemos que não podemos questionar por que está escrito no papel e, portanto, é lei. Quem somos nós para ousar discordar da lei?

Nem o Estado nem a política jamais vão resolver – ou, ao menos, têm interesse em resolver – os problemas de forma geral. Afinal de contas, esse é o único ponto que sustenta a justificativa de sua existência. Inventam problemas para proverem soluções (que, no geral, levam a problema ainda maior no longo prazo) e criam "soluções" para nós, deixando-nos, como cidadãos, inertes, sem questionar esse círculo vicioso.

E pior: brigamos e discutimos por isso. Claro que há governos piores ou melhores, mas a solução não passa por eles. Passa, sim, por uma sociedade brigando por reformas estruturais, sabendo esperar o médio prazo para seus resultados. Uma sociedade pleiteando impostos baixos para pessoas físicas e jurídicas, especialmente, regras trabalhistas flexíveis (ou nulas, se possível), facilidade de empreender e gerar emprego, baixíssimo gasto público, etc. Sem isso, a briga da sociedade polarizada é inócua.

O Estado, por menor que seja, tende a crescer. Afinal, é formado por seres humanos no poder que tendem a se agrupar para procurar o que é melhor para si mesmos. Acredito piamente que temos que buscar o crescimento e o desenvolvimento individual antes, e isso leva ao bem coletivo (e não o contrário), mas, por isso mesmo, a solução não passa pelo Estado. Ele é na verdade a raiz de todos os problemas.

Hoje já começamos a viver sem ele, sem acreditar em sua autoridade, mesmo sem perceber. Há alguns anos, jamais entraríamos em um carro que não fosse táxi (com placa vermelha, autorizado pelo Estado a rodar) porque seria arriscado. Hoje fazemos isso diariamente, com aplicativos de transporte. Jamais alugaríamos uma casa de desconhecidos. Aí veio o Airbnb. Cartórios? Que coisa antiquada. Justiça? Como nos EUA onde já é maioria, aqui cresce bastante a justiça privada (eu, particularmente, só uso a justiça privada com câmaras de arbitragem). Será que o Estado não está morrendo por inanição? Me refiro a daqui a 50 ou 100 anos, especialmente com custo de transação caindo a zero, pelo desenvolvimento de tecnologia.

Como ter uma vida sem Estado? Isso parece impossível, não é mesmo? Claro. É algo que jamais nos ensinaram e fere qualquer princípio básico do senso comum. Um dia nos pareceu impossível, até que... As coisas mudam aos poucos. Hoje usamos os serviços que citei acima – muitos pagos com criptomoedas (zero interferência do Estado). E, sem perceber, não queremos mais esse gigante burocrata fungando no nosso pescoço.

Acho que estamos diante de uma mudança importante para o próximo século. As reais mudanças culturais acontecem sem que percebamos e não como uma imposição ou intervenção.

BRUNO MUSA

Economista e sócio da Acqua Investimentos.
Criador do canal Minuto do Musa e da Empreende & Educa (E&E)

# A ilegalidade está roubando os brasileiros

## CAMPANHA DO FÓRUM NACIONAL CONTRA A PIRATARIA E A ILEGALIDADE ENVOLVE POPULAÇÃO NA DISCUSSÃO SOBRE OS EFEITOS NOCIVOS DO CONTRABANDO AO PAÍS

Qual empresário não gostaria de registrar crescimento de 191% em um período de sete anos? Esse é o resultado da atividade do contrabando no Brasil, segundo pesquisa com 15 setores produtivos do país, feita pelo Fórum Nacional Contra a Pirataria e a Ilegalidade (FNCP). O prejuízo econômico resultante do avanço dos produtos ilegais – considerando as perdas dos setores produtivos e de arrecadação de impostos – passou de R$ 100 bilhões em 2014 para R$ 288 bilhões em 2020.

Outro estudo, produzido pelo Instituto de Desenvolvimento do Varejo (IDV), em parceria com a consultoria McKinsey e o escritório de advocacia Mattos Filho, aponta que a informalidade provocou uma evasão fiscal ao país de até R$ 600 bi em 2020, incluindo impostos e tributos trabalhistas. Considerando apenas a informalidade nas

vendas realizadas pelo varejo brasileiro, o país deixou de arrecadar entre R$ 95 bilhões e R$ 125 bilhões em tributos no ano passado.

O dinheiro que deixa de ser pago em impostos poderia retornar à sociedade com investimentos em educação, segurança e infraestrutura, como a construção de estradas, por exemplo. Mas as consequências da ilegalidade no Brasil vão além da perda de impostos – atingem também a geração de empregos. A criação de empregos formais é impactada de maneira negativa pelo avanço da entrada de produtos contrabandeados no país e pela ilegalidade. Levantamento da Oxford Economics concluiu que somente o contrabando de cigarros, produto que está no topo da lista de apreensões da Receita Federal, acarretou diretamente na redução de 173 mil novas vagas em 2019. Já o estudo do IDV mostra que, por conta da informalidade, pelo menos 6,8 milhões de trabalhadores atuam sem registro trabalhista.

Diminuindo a oferta de vagas para profissionais qualificados a atividade ilícita também prejudica a ascensão social da população. Os números, de evasão fiscal ou perdas setoriais, impressionam e nos levam ao exercício de pensar como esse dinheiro poderia movimentar a economia de maneira mais sustentável, aumentando a prosperidade e investimentos. É possível construir um país mais justo, com muito mais oportunidades e segurança.

Por isso a importância de lançar a campanha "O Contrabando Rouba o Futuro dos Brasileiros". Destacando o quanto o país perde com o mercado de produtos ilegais – tanto na economia, como em potencial de investimento em melhorias sociais – a iniciativa do FNCP busca informar sobre os efeitos nocivos do contrabando para a sociedade, conscientizando sobre a importância do combate a essa prática e à informalidade. Além de informar a população sobre esse cenário, por meio do site www.contrabandonao.com.br, a campanha também pretende trabalhar junto aos governos para traçar estratégias conjuntas para lidar com esse problema.

"A campanha vem para conscientizar as pessoas sobre os impactos do comércio ilegal. A solução para o contrabando deve envolver medidas que afetem a demanda, reduzindo a vantagem que o produto ilícito tem sobre o produto legal em termos de preço. E a oferta, com a repressão aos contrabandistas e sonegadores, também é importante, mas sozinha ela não conseguirá resolver o problema em um longo prazo. Ainda é importante trazer o cidadão para uma postura ativa de ajudar a combater o problema", afirma Edson Vismona, presidente do FNCP.

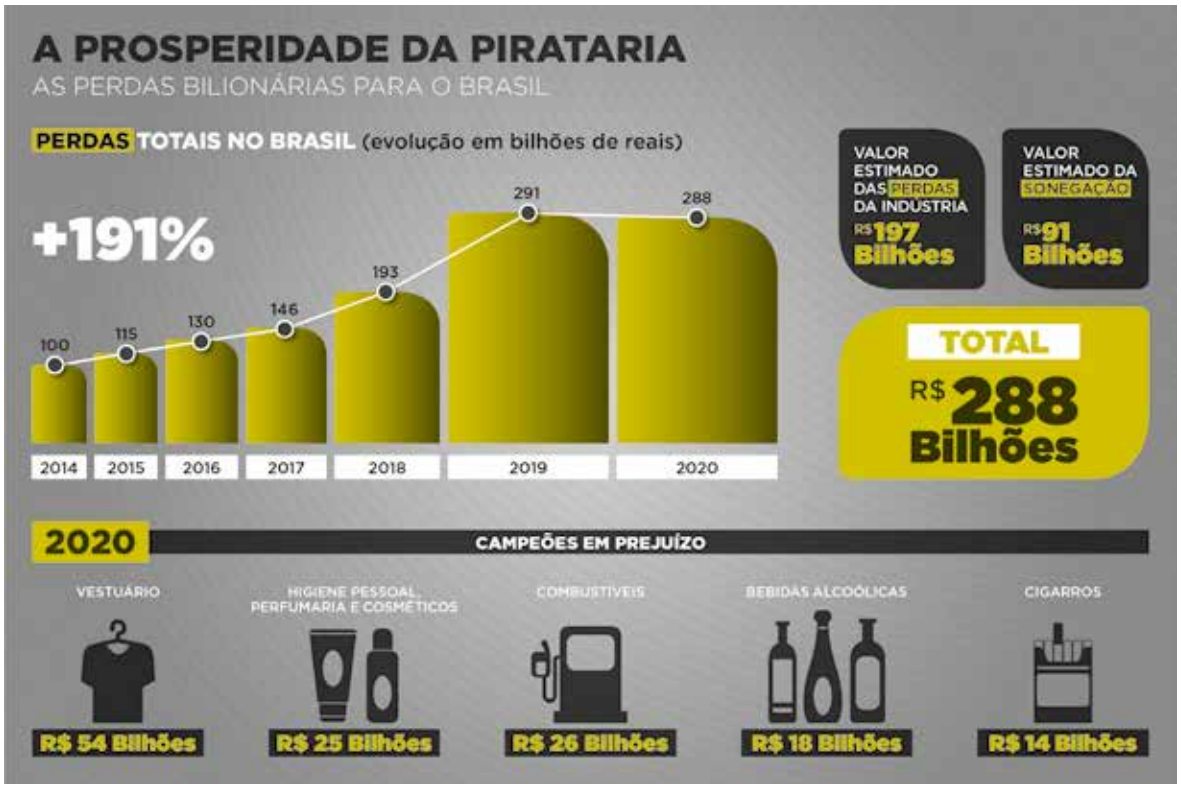

Foto: Jefferson Bernandes

# Resoluções de ano novo

Janeiro, o primeiro mês do ano, tem seu nome em homenagem ao deus *Janus*. O deus romano de duas faces, voltadas para lados opostos. Era para este deus pagão – o deus das portas, dos inícios e fins, das transições, das dualidades e das passagens – que os Césares, e seu Império, faziam promessas e comprometiam-se com resoluções de fim de ano.

A variável mística ou religiosa dos diferentes rituais de passagem é um reconhecimento por parte da humanidade, em todos os tempos, da sua fragilidade diante do imponderável. E uma esperança de transação: reconheço erros, faço a contrição, me comprometo com o que imagino ou me dizem ser o correto, e peço bons ventos oriundos do que não entendo. A benção dos deuses para o ano que vai nascer.

Nestes dias de mudança – de um 2021 de dificuldades para um 2022 de esperanças (não é sempre assim?) –, talvez pudéssemos fazer um ritual um pouco diferente do que viemos fazendo até os dias de hoje, aqui nesta Terra Brasilis. Pelo menos na área pública. Na área que seria de todos nós.

O capítulo dos erros e equívocos do ano que sai não é difícil de enunciar, nem faltarão exemplos: diante de uma pandemia trágica, apontamos dedos em demasia, perdemos a humildade e deixamos soltos espíritos autoritários; diante de um ativismo judicial perverso, não gritamos ou cobramos o suficiente; diante de um discurso no qual a vítima da violência é apontada como culpada, demos de ombros; nos conformamos à pobreza; assistimos calados à injusta distribuição de recursos públicos, sempre para os mesmos; vimos como mero espectadores a insegurança jurídica crescer, a censura mostrar seus dentes pavorosos e o assalto aos cofres públicos ser normalizado, e fomos para casa quando as imposições socioculturais passaram de discursos de guetos para os altos salões de ministros togados e redações medíocres. O ano que passou, 2021, mostrou um Brasil de poderes constitucionais adaptados a vontades pessoais e políticas de ocasião. O ano passou, as nuvens negras, ainda não.

O capítulo da contrição é mais sofisticado. Aceitamos a relação dos erros, mais por seu enun-

ciado do que pelo medo à punição, trocamos o sujeito das frases e identificamos os supostos responsáveis: eles, os outros; eles, os políticos. Nós, nunca.

Reconhecidas as mazelas e identificados os responsáveis, fazemos cara de sérios, brindamos com a família e com os amigos e assumimos compromissos genéricos para o tempo que virá. Os deuses haverão de entender.

O tempo passou, *Janus* é uma referência histórico-cultural, o império é outro e em 2022 tem eleições gerais no Brasil.

O novo império, guardadas as controvérsias, não costuma fazer promessas para nenhum deus, em nenhuma transição. Entretanto, faz resoluções de fim de ano e pesquisas e estatísticas sobre qualquer coisa, com um fervor quase religioso.

Assim, em meio a uma torrente de informações sobre resoluções de fim de ano –nos Estados Unidos da América, 80% delas são abandonadas e o dia 17 de janeiro é considerado o dia da desistência –, encontramos um dado interessante: as resoluções tomadas com o rigor da formalidade e devidamente acompanhadas ao longo do ano alcançam 22% a mais de êxito dos que as genericamente enunciadas.

Desta forma, na perspectiva de que possamos utilizar o evento das eleições gerais do ano que começa para o benefício do Brasil, tomo a liberdade de fazer duas propostas: a primeira, é oferecer para você, leitor e eleitor, uma pequena lista de resoluções de fim de ano, a título de sugestão; a segunda, mudando o sujeito para nós, é que a transformemos em um instrumento de cidadania. Que a formalizemos, de todas as maneiras possíveis.

Vejamos as resoluções.

Este ano, vou levar o processo eleitoral a sério. De verdade. Vou escolher os candidatos com base em suas propostas efetivas e não contraditórias. Saberei suas plataformas eleitorais, checarei seu passado e não os esquecerei.

Neste ano eleitoral, os candidatos por mim escolhidos deverão defender de maneira explícita, clara e inequívoca os ideais de liberdade, vida digna para todos, da busca da prosperidade e da construção dos meios para alcançá-los.

Nas eleições deste ano, meus candidatos deverão trabalhar em defesa da emancipação da sociedade brasileira, através de políticas que conciliem democracia com economia de mercado – liberalismo com capitalismo democrático.

Meus candidatos deverão estar em partidos que não compactuem com a forma paternalista, populista e patrimonialista de fazer política; que defendam as liberdades individuais, o livre mercado e a eficiência na gestão do Estado. Devem, neste último item, ser a favor de privatizações. Todas.

Finalmente, meus candidatos devem ter compromisso com a agenda capitalista no Brasil. Explicitamente.

Estas resoluções não esgotam as possibilidades de seleção de candidatos, nem farão todos contentes. Farão um Brasil melhor.

MATEUS BANDEIRA

Conselheiro de administração e consultor de empresas. Foi CEO da Falconi, presidente do Banrisul e secretário de Planejamento do RS

Foto: Carolina Antunes

> **Biden não é um presidente popular e carismático como Obama ou Bill Clinton.**

# Trump, o sujeito oculto de 2022



Com eleições nos quatro cantos do mundo, o ano de 2022 será um dos mais agitados dos últimos tempos. Na maioria dos pleitos, os conservadores ganham espaço. Em 30 de janeiro, os portugueses irão às urnas renovar o parlamento e há a expectativa de que o partido de extrema direita Chega, do jovem líder André Ventura, de 38 anos, consiga ampliar de uma para 10 ou mais cadeiras. Ventura tem um discurso conservador, nacionalista e bem elaborado.

Filho de um comerciante de bicicletas e de uma secretária, estudou Direito, virou professor universitário e ficou conhecido como comentarista esportivo. Fundou o Chega com um grupo de jovens políticos que integravam o Partido Social Democrata. Sua linha de atuação é muito próxima do Vox, o partido de extrema direita espanhol que, desde 2019, não para de crescer.

Em 9 de março, acontecem as eleições na Coreia do Sul. O mandato é de 5 anos sem reeleição, e o atual presidente, Moon Jae-in, tenta eleger o sucessor. Moon é do partido de centro-esquerda DPK (Partido Democrático da Coreia), que está em baixa depois de perder as eleições nas duas principais cidades do país. A queda na popularidade de Moon e do DPK é diretamente proporcional ao aumento do preço dos aluguéis e das moradias em geral, que subiu 58% em três anos. O candidato Lee Jae-myung, advogado de direitos civis, tem perdido terreno para o candidato do conservador PPP (Partido do Poder do Povo), Yoon Seok-youl. Ao contrário do DPK, o PPP defende a instalação de armamento nuclear dos Estados Unidos para "prevenir emergências".

A próxima da fila é a França, com o pleito presidencial marcado para 10 de abril. Será uma das mais disputadas dos últimos anos, com a esquerda praticamente fora da disputa, sem candidato competitivo. O atual presidente, Emmanuel Macron, quer a reeleição. Os índices de aprovação de Macron subiram para cerca de 40% nos últimos meses, o que é comparativamente alto para presidentes franceses em fim de mandato. Marine Le Pen, líder da Frente Nacional, lançou sua terceira candidatura à presidência. Ao contrário de Macron, ela é anti-União Europeia.

Mas a pedra no sapato da dama de ferro francesa não será Macron, e sim Éric Zemmour, comentarista de televisão, chamado de Donald Trump francês. Zemmour não para de crescer, seu discurso nacionalista da França para os franceses tem obtido cada vez mais adesão. Pesquisas recentes mostram Macron com cerca de 25% das preferências, seguido de Zemmour, com 18%, e Le Pen, com 15%. Candidatos do Partido Socialista,

do Partido Comunista e do Partido Verde estão na faixa de um dígito.

Abril também será o mês das eleições parlamentares na Hungria. "Orbán ou Europa": isso é o que estará em jogo. Viktor Orbán, o chefe do Partido Fidesz, de extrema direita, é o primeiro-ministro da Hungria desde 2010. Ele se apresenta como um defensor dos valores cristãos. E também diz que deseja que a Hungria permaneça na União Europeia, apesar das suas divergências com Bruxelas.

Em 2022, Orbán enfrentará um duro desafio eleitoral pela primeira vez em mais de uma década. Seis partidos da oposição uniram forças sob a bandeira do Movimento pela Hungria de Todos (MMM) para tentar derrotá-lo. Pesquisas recentes mostram que MMM está atrás do Fidesz em dois pontos percentuais. Além de eleger os 199 membros da Assembleia Nacional da Hungria, e com ele o primeiro-ministro, os húngaros decidirão em referendo se querem, ou não, que as escolas ensinem sobre homossexualidade e questões de transgêneros.

Em maio, vão acontecer as eleições parlamentares australianas. Os eleitores irão às urnas para eleger 151 deputados para a Câmara dos Representantes e 40 das 76 cadeiras no Senado. O primeiro-ministro Scott Morrison, líder do Partido Liberal de centro-direita, é favorito. Sua coalizão espera ganhar um quarto mandato de três anos como maioria. Há o oposicionista Partido Trabalhista Australiano, liderado por Anthony Albanese, mas suas chances são pequenas.

Teremos, ainda, eleições na nossa vizinha Colômbia, único lugar onde por enquanto há chances de vitória da esquerda. Em março, haverá eleição para o parlamento e, em maio e junho, eleição presidencial. O presidente Ivan Duque não pode concorrer à reeleição. Ele é o presidente mais impopular dos últimos tempos, com uma desaprovação de 75%, em grande parte porque a pandemia de Covid-19 aumentou o desemprego e desarranjou a economia. O senador Gustavo Petro, ex-guerrilheiro que terminou em segundo lugar atrás de Duque em 2018, lidera as pesquisas e pode se tornar o primeiro presidente de esquerda da Colômbia. Outros candidatos são Sergio Fajardo, um ex-governador moderado que disputa pela terceira vez, o ex-senador Juan Manuel Galán e o ex-ministro da Saúde Alejandro Gaviria.

Em outubro, teremos eleições no Brasil, as quais dispensam apresentações. Em novembro, será a vez das eleições de meio de mandato dos Estados Unidos. O sujeito oculto desta eleição é Donald Trump. Por isso, tudo indica que o presidente Joe Biden e seus aliados vão ter de suar a camisa para manter sua força no Capitólio. As eleições de meio de mandato geralmente não dão bons resultados para o partido do presidente, especialmente na Câmara dos Representantes. Ao longo das últimas sete décadas, o partido do presidente perdeu, em média, 25 cadeiras na Câmara nas eleições legislativas.

Para piorar as coisas, o redistritamento (que é o ajuste nos distritos eleitorais) realizado desde o Censo de 2020 favorece os republicanos. Os democratas atualmente têm uma margem de oito cadeiras na Câmara. Mesmo que superem a média histórica em 2022, podem perder a Casa.

Biden não é um presidente popular e carismático como Obama ou Bill Clinton. Os democratas podem se sair melhor no Senado, onde 20 das 34 cadeiras disputadas são ocupadas por republicanos e nenhuma das cadeiras que os democratas estão defendendo são de estados que votaram em Donald Trump em 2020.

Mas a briga entre as alas moderada e progressista do Partido Democrata e a queda da aprovação de Biden pesarão sobre os candidatos democratas ao Senado. Se os republicanos retomarem uma ou ambas as casas, mais provavelmente a Câmara, a polarização refletirá na campanha presidencial de 2024. Uma surpresa pode sacudir a política americana. Como a Constituição não exige que o presidente da Câmara seja membro do Congresso, o comando da Casa pode acabar nas mãos de Donald Trump.

MARCELO TOGNOZZI

Jornalista e consultor independente

Foto: Divulgação

# Karim Miskulin é homenageada pelo Prêmio Press 2021

POR NICOLE ANGEL

A CEO do Grupo VOTO, Karim Miskulin, foi homenageada em evento do Prêmio Press 2021, em 16 de novembro. Ela recebeu o Troféu Sistema Fiergs pelo seu destaque na área da comunicação. O Press é o maior e mais disputado prêmio do jornalismo brasileiro.

É mais um importante reconhecimento do mercado diante de tudo o que vem sendo construído pelo Grupo VOTO ao longo de 18 anos. Tendo nascido como um veículo de comunicação, hoje ele atua em três frentes: produção de conteúdo (por meio da Revista VOTO); ciclo de eventos de relações político-institucionais (como o Brasil de Ideias); e consultoria de relações governamentais, com presença em Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Brasília.

Em seu agradecimento, Karim se emocionou ao falar, para os convidados, sobre o trabalho realizado. "Isso tudo é feito sempre com muito amor

pela política. Pela boa política, pela vontade de humanizar a política. É essa a cara que a gente quer dar para o Brasil de Ideias, para a Revista VOTO. É isso que nos fez desbravar esse Brasil", afirmou.

Um dos pilares do Grupo VOTO é contribuir para que mais mulheres quebrem ciclos de poder masculinos no ambiente político, bem como construir pautas e eventos que ajudem as empresas a tomarem as melhores decisões, fomentando o desenvolvimento econômico e social brasileiro.

Além disso, uma das principais bandeiras defendidas pela equipe VOTO é a da liberdade. Algo que não ficou de fora do discurso de Karim Miskulin. Ela destacou um trecho da obra literária "Os Irmãos Karamazov", do célebre escritor e filósofo russo Fiódor Dostoiévski: "Somos assim: sonhamos com o voo, mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem de enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isso o que tememos: o não ter certezas. Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram". E Karim complementou: "Eu desejo, sinceramente, que todos se libertem das gaiolas e voem sem medo do vazio, porque é isso que faz a gente manter o nosso coração muito quente, desbravar esse mundo".

Além de estar à frente do Grupo VOTO, Karim Miskulin é presidente da agência de comunicação corporativa in.Pacto, uma das maiores do país, com sede em Brasília e escritórios em São Paulo (SP), Manaus (AM), São Luís (MA) e Porto Alegre (RS).

"A Karim é uma empreendedora nata, que não se intimida com desafios e dificuldades, vai lá e faz", sublinha a diretora-executiva da Press, Nelci Guadagnin, para quem a homenagem é mais do que merecida.

## PRÊMIO PRESS 2021

Na abertura da cerimônia, o diretor geral da revista Press e fundador do Prêmio Press, Júlio Ribeiro, dedicou o evento deste ano ao jornalista Flávio Porcello, falecido recentemente, vítima da Covid-19. "Durante esses quase dois anos de pandemia, perdemos muitos amigos e familiares. Entre eles, o meu amigo e jornalista Flávio Porcello. Estarmos todos aqui, nesta noite, é um tributo à vida e uma homenagem a tantos que não estão mais entre nós", ressaltou Ribeiro. Ele também celebrou a volta da cerimônia presencial: "A festa é uma das marcas mais preciosas do Prêmio Press, porque permite que colegas jornalistas e radialistas, dos mais diversos veículos de comunicação, se encontrem e possam conversar fora da correria do dia a dia".

Entre os que celebravam o momento e a homenagem à Karim Miskulin, estava o empresário e presidente do conselho de administração da Gerdau – uma das maiores produtoras de aço do mundo –, Jorge Gerdau, que há 18 anos acompanha a trajetória do Grupo VOTO. Quem também marcou presença na premiação foi o empresário Humberto César Busnello, que a julga valorosa. "Me sinto muito honrado em participar deste evento que eu, particularmente, considero um dos mais importantes do Rio Grande do Sul porque é a premiação de profissionais da imprensa, que nós devemos considerar, numa democracia plena, fundamental para dirigir e para informar bem a todos", destacou Busnello.

> **"A Karim é uma empreendedora nata, que não se intimida com desafios e dificuldades, vai lá e faz.**
>
> NELCI GUADAGNIN
>
> Diretora-executiva da Press

O troféu é uma realização conjunta da revista Press e da Federação de Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), e já teve entre seus homenageados nomes como Alexandre Garcia, Jayme Sirotsky, Johnny Saad, Tânia Carvalho e Jorge Polydoro. Nesta edição, alcançou meio milhão de indicações e é considerada uma das mais disputadas premiações do jornalismo brasileiro, conhecido, inclusive, como o "Oscar da Imprensa Gaúcha".

O Prêmio Press 2021 tem o patrocínio do Sistema Fiergs, do Sistema Fecomércio, do Grupo Carrefour e da Wolens, e apoio da CMPC e da Associação Comercial de Porto Alegre.

# Fórum debate desenvolvimento sustentável e atração de investimentos para o Brasil

**O Brasil é um lugar interessante para investir. É globalizado, tem recursos naturais incríveis e é um grande mercado de consumo. No mundo do chocolate, é o quinto do planeta em volume.**

MAX DE SIMONE

CEO da Ferrero

Fotos: Divulgação Ferrero/Propague

Karim Miskulin, CEO do Grupo VOTO, dá boas-vindas aos participantes do evento

POR RAIANE GONOLI

Com curadoria do Grupo VOTO, o Grupo Ferrero realizou, no dia 28 de outubro, em São Paulo (SP), o 1º Fórum Investe Brasil. O encontro reuniu 100 líderes empresariais, que foram convidados a trocar ideias sobre os pilares que fazem do Brasil um polo de oportunidades e investimento.

A CEO do Grupo VOTO, Karim Miskulin, deu as boas-vindas aos participantes e abriu oficialmente o evento, que teve dois painéis – "Desenvolvimento sustentável e atração de investimentos para fazer o país prosperar" e "Infraestrutura e responsabilidade ambiental para um Brasil mais competitivo".

No primeiro debate, o secretário de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, Fernando Passalio, detalhou o plano de atração de investimentos do estado. "Focamos a atração de investimentos em dois pilares: um é a agilidade. O ativo mais caro é o tempo, que é irrecuperável. Quando passamos a encarar a celeridade como algo primordial para sermos atrativos, passamos a ter resultado. E o segundo pilar é a segurança jurídica. Preferimos dizer não a ficar enrolando, segurando e atrapalhando a vida daquele que vislumbra investir no estado", destacou o secretário.

O painel de abertura também contou com a participação do secretário especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia, Caio Mário de Andrade. Ele ressaltou a importância do compromisso com a redução da emissão de CO2 no Brasil. "Nós queremos, sim, a redução de carbono, e vamos mostrar isso ao mundo."

O segundo painel teve a presença da secretária executiva de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Marina Bragante. "Junto com a Fapesp e com outros 10 estados da Amazônia Legal, vamos investir em pesquisas na região, que é o que temos de mais rico no nosso país e pode trazer benefícios para todos nós", disse, em referência ao projeto Amazônia +10.

O CEO da Ferrero para a América do Sul, Max de Simone, fez alguns importantes destaques em sua participação. "O Brasil é um lugar interessante para investir. É globalizado, tem recursos naturais incríveis e é um grande mercado de consumo. No mundo do chocolate, é o quinto do planeta em volume. Evidentemente, melhorar infraestruturas pode ajudar. Investimentos mais qualitativos da educação podem gerar melhores líderes. Continuar reformas é importante", ressaltou ele.

# Um gigante que cresce no coração do Brasil



GRUPO VOTO REÚNE EMPRESÁRIOS E LIDERANÇAS POLÍTICAS, NO BRASIL DE IDEIAS NO MATO GROSSO, PARA DISCUTIR SOBRE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL

POR RAIANE GONOLI

UM debate em busca de soluções para recolocar o Brasil nos trilhos do crescimento. Foi com esse intuito – e por meio do 1º Fórum Brasil de Ideias no Mato Grosso – que o Grupo VOTO chegou a um dos mais importantes estados do país. A proposta era discutir, com grandes empresários, líderes e representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, alternativas para fortalecer o desenvolvimento econômico sustentável do país.

O evento, realizado entre 26 e 28 de novembro no Malai Manso Resort, na Chapada dos Guimarães (a 67 km de Cuiabá), contou com palestras de personalidades de expressão que, durante um final de semana exclusivo, debateram inovação, trabalho, meio ambiente e competitividade. O foco principal esteve nas conversas sobre a união entre os três Poderes e representantes do agronegócio, da indústria e do comércio, para explorar o potencial de expansão do Brasil.

O presidente do Senado Federal, Rodrigo Pacheco, participou da abertura do fórum, cujo tema foi "O papel do Legislativo para fazer o Bra-

Karim Miskulin e Laura Regenin, do Grupo VOTO, recebem Mauro Mendes, governador do Mato Grosso

**“Ao longo das décadas, conseguimos construir, mesmo longe dos portos, o agronegócio mais competitivo do mundo. Se com logística desfavorável, o Mato Grosso chegou aonde chegou, imagina agora, com fortes investimentos do governo.**

MAURO MENDES

Governador do Mato Grosso

sil avançar”. Ele lembrou a contribuição dos mato-grossenses para a economia brasileira. “Mato Grosso é um Brasil que tem dado certo. Se tem algo que o Brasil aprendeu a fazer bem é agricultura e pecuária – seja com os grandes ou pequenos produtores. É fundamental que critérios sejam estabelecidos para garantir a manutenção do que deu certo e que os trabalhadores do campo tenham acesso às tecnologias necessárias para aumentar a produção”, disse.

O governador do Mato Grosso, Mauro Mendes, também falou sobre os avanços do agronegócio em seu estado. E fez questão de ressaltar a

Gilmar Mendes, ministro do STF, e Karim Miskulin

Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, com as anfitriãs do Brasil de Ideias

Max Russi, Rodrigo Pacheco, Wenceslau de Souza Junior, Carlos Dorileo, Mauro Mendes e Mauro Carvalho

Políticos e líderes empresariais debatem soluções para o desenvolvimento econômico sustentável do Brasil

importância dos investimentos do governo federal e como eles contribuíram para o desenvolvimento local. "Ao longo das décadas, conseguimos construir, mesmo longe dos portos, o agronegócio mais competitivo do mundo. Se com logística desfavorável, o Mato Grosso chegou aonde chegou, imagina agora, com fortes investimentos do governo", destacou.

Ao abrir as discussões, a CEO do Grupo VOTO, Karim Miskulin, comemorou o sucesso de mais um Ciclo Brasil de Ideias. "Reunimos um timaço de executivos representantes de algumas das maiores empresas com atuação no país, de parlamentares e de secretários, para construirmos, juntos, caminhos para fazer o Brasil avançar nas reformas, na inovação do campo, na tecnologia, na logística e, principalmente, na responsabilidade de cada um de nós criar um futuro melhor", destacou Miskulin.

Seu discurso reforçou o compromisso do Grupo VOTO em promover o evento, que acontece regularmente com objetivo de ajudar personalidades que estão no centro do poder a encontrar as melhores alternativas para fazer o país progredir.

Também estiveram presentes no 1º Fórum Brasil de Ideias no Mato Grosso os ministros da Infraestrutura, Tarcísio Freitas; da Agricultura, Tereza Cristina; e do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes, entre outros nomes que estão em busca de alternativas para acelerar o desenvolvimento econômico e sustentável brasileiro.

## UMA VIAGEM ATÉ MATO GROSSO, O CELEIRO DO MUNDO

O palco para a realização desta edição do Brasil de Ideias não foi escolhido à toa. Além de ser

o estado líder em produção e exportação agrícola de soja, milho, algodão e carne bovina, o Mato Grosso também vem desenvolvendo uma série de cadeias produtivas, como a piscicultura e a do etanol a partir do milho, sendo considerado nada menos do que o "celeiro do mundo".

"Mesmo nesse ano difícil para todo o país, é aqui que vemos a pujança e a resiliência de quem não se curva às adversidades. É aqui que temos a força do agronegócio, que mantém o país pulsando firme e forte", ressaltou Karim Miskulin ao falar sobre a escolha da região para sediar os debates do fórum.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em novembro, o Mato Grosso possuía a segunda menor taxa de desemprego do país no terceiro trimestre de 2021, com mais de 1,6 milhão de mato-grossenses empregados entre julho e setembro do ano passado.

E há mais: o estado é uma das unidades da Federação que mais tem protagonizado progressos e inovações em sustentabilidade. Na contramão da alta crescente de outros estados que compõem a Amazônia Legal, o Mato Grosso reduziu os alertas de desmatamento em 30,6% entre os meses de agosto e outubro de 2021 (DETER/INPE). Para se ter uma ideia, mesmo sendo uma das maiores produtoras de alimentos do mundo, a região mato-grossense possui 62% de seu território preservado.

E o Mato Grosso também se destaca quando o assunto é o combate às emissões de carbono. Através do programa Carbono Neutro MT, a meta é neutralizar as emissões de carbono até 2035, 15 anos antes do prazo estabelecido internacionalmente (2050). "O crescimento do estado do Mato Grosso tem de seguir em frente respeitando rigorosamente essa orientação ambiental, voltada à economia de baixo carbono", reforçou o governador Mauro Mendes em sua participação no Brasil de Ideias.

49

BAH | RESTAURANTE

th.comunicação

Grupo Press Gastronomia

COZINHA REGIONAL CONTEMPORÂNEA
BarraShoppingSul • Piso Guaíba • 2096 • 51 3247.3000

Marcelo Queiroga conversa com empresários de diversos setores



# Em evento do Grupo VOTO, ministro Marcelo Queiroga fala sobre situação da saúde no Brasil

O TITULAR DA PASTA DA SAÚDE PARTICIPOU DO ENCONTRO BRASIL DE IDEIAS, EM SÃO PAULO, COM EMPRESÁRIOS DE DIVERSOS SETORES. NA OCASIÃO, COMENTOU TAMBÉM SOBRE A NOVA VARIANTE ÔMICRON

POR MARIA CLARA CABRAL

Poucos dias depois da descoberta de uma nova variante do coronavírus, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, participou, em São Paulo (SP), do evento Brasil de Ideias, promovido pelo Grupo VOTO. Para um seleto grupo de líderes empresariais, Queiroga disse que devemos olhar a Ômicron com preocupação, mas não com desespero. Segundo ele, o Brasil está preparado para uma eventual nova onda da doença.

O ministro enfatizou que o governo do presidente Jair Bolsonaro investiu em políticas públicas eficientes, sendo a campanha de vacinação a principal delas, e que, exatamente por este motivo, o número de casos da Covid-19 no país estava controlado. "Estamos tranquilos porque hoje temos um sistema de saúde mais fortalecido e uma campanha de vacinação assegurada para o ano que vem. Inclusive, o Brasil passará da condição de importador para exportador de vacinas", afirmou.

Queiroga deixou ainda uma mensagem de esperança e mostrou a melhora nos indicadores de saúde pública do Brasil como um todo. "Reduzimos a mortalidade infantil, aumentamos a expectativa de vida da população, temos 49 mil unidades básicas de saúde espalhadas por essa grande

Fotos: Iara Morselli

Luiz Fernando Barbosa, Karim Miskulin, Laura Regenin, Welder Peçanha e Pedro Westphalen

Fábio Lobato, Delcio Sandi e Luís Pedro Cauduro

A anfitriã com o ministro Marcelo Queiroga

nação e 53 mil equipes de saúde da família. Quero dizer que o presidente da República fez uma opção clara pela atenção primária da saúde. Outro exemplo é que trabalhamos também para conter doenças como a diabetes, o tabagismo e estimulamos o exercício físico."

Para além do setor da saúde, o ministro falou sobre o viés liberal do governo. "Estamos em um governo liberal, com uma aliança entre conservadores e liberais, e como liberais queremos estimular a iniciativa privada, para que vocês possam cumprir com todas as suas potencialidades sem o Estado gigante atrapalhar as tratativas e os negócios", disse. Outro integrante do governo que também participou do jantar foi o secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Almirante Flávio Rocha.

Em seu discurso, a CEO do Grupo VOTO, Karim Miskulin, reforçou a importância da realização de eventos como o Brasil de Ideias. "Eu gostaria de agradecer aos nossos patrocinadores, pois são eles que nos permitem esses encontros que fomentam essa saudável interlocução entre o setor público e o privado. Essa aproximação é fundamental. O Grupo VOTO acredita que só a união constrói, só a união vai fazer com que cada um de nós assuma sua responsabilidade por um país melhor", finalizou.

Empresários e políticos de prestígio celebram a democracia

# Um Brinde à Democracia

## GRUPO VOTO CELEBRA LÍDERES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DO BRASIL EM 2021

POR RAIANE GONOLI

EM dezembro, o Grupo VOTO promoveu seu tradicional jantar de fim de ano, denominado de "Um Brinde à Democracia". Realizado há mais de 10 anos, o encontro tem o objetivo de homenagear líderes políticos que contribuíram para o desenvolvimento do país, festejando a união e a diversidade de ideias.

A edição deste ano, ocorrida em 9 de dezembro, reuniu grandes nomes da política e do empresariado brasileiro na Hípica Paulista, em São Paulo (SP). Entre os homenageados, estavam o ex-presidente da República Michel Temer e o ministro da Cidadania, João Roma, que receberam o reconhecimento de colaboradores e parceiros do grupo VOTO pela contribuição social, política e econômica que deram ao Brasil em 2021.

Michel Temer fez questão de falar sobre as eleições presidenciais de 2022. Para o ex-presidente, a chamada terceira via da corrida eleitoral não evitará a polarização entre os eleitores de Jair Bolsonaro e Lula, uma vez que a pulverização de

**“Está havendo uma atomização da terceira via. Falava-se muito, alguns meses atrás, que teríamos vários pré-candidatos e ao final um único candidato. Mas o que está havendo hoje é que todos os pré-candidatos são candidatos.**

MICHEL TEMER

Ex-presidente da República

Fotos: Iara Morselli

Michel Temer, ex-presidente da República

Roberto Vilela, da RV Ímola, Karene Vilela e Karim Miskulin

Klécio Santos, CEO da in.Pacto Comunicação, e Cristiane Pinto prestigiam o evento

Luiz Fernando Barbosa, diretor da EMS; Thompson Flores Lenz, desembargador; e Davide Marcovitch, presidente da LVMH

votos se apresenta como a principal dificuldade para tornar uma candidatura competitiva. “Está havendo uma atomização da terceira via. Falava-se muito, alguns meses atrás, que teríamos vários pré-candidatos e ao final um único candidato. Mas o que está havendo hoje é que todos os pré-candidatos são candidatos”, ressaltou ele. Temer também descartou a possibilidade de uma eventual pré-candidatura na corrida ao Palácio do Planalto: “Eu não, eu já fiz minha vida”.

No jantar, também foram homenageados o governador de Minas Gerais, Romeu Zema; o prefeito de Manaus, David Almeida; o desembargador Thompson Flores Lenz, do TRF-4; o deputado federal Marcel van Hattem (Novo-RS); o presidente do Grupo Carrefour no Brasil, Noël Prioux; e a vice-presidente de Public Affairs da General Motors, Marina Willisch.

“Fico muito lisonjeada de estar representando aqui a diversidade, a inclusão e o poder de todos os tipos, de todas as origens e de todos os lugares”, agradeceu Willisch. E aproveitou para comemorar a meta estabelecida pela GM, no ano passado, de tornar-se a empresa mais inclusiva do mundo.

Marina Willish, ministro João Roma, Karim Miskulin, deputado Marcel van Hattem e Delcio Sandi



"Isso parece uma meta enorme e dificílima de atingir. E é verdade! Mas a gente persegue uma meta mais difícil ainda: ter um futuro com zero acidente, zero emissão e zero congestionamento."

Ao abrir o evento, a CEO do Grupo VOTO, Karim Miskulin, ressaltou a importância de unir representantes dos setores público e privado para debater e traçar o futuro do país, um dos pilares do trabalho do Grupo. "Vamos encerrar o ano fazendo aquilo que é a nossa marca: fomentando a saudável interlocução entre o setor público e o privado, sempre buscando construir uma pauta positiva, ouvir e sermos ouvidos", declarou.

## GRUPO VOTO CHEGA À "MAIORIDADE"

O jantar teve um significado mais que especial: a comemoração antecipada do aniversário de 18 anos do Grupo VOTO, que serão completados agora em 2022. Para Karim, a "maturidade" do Grupo acompanha o amadurecimento da democracia brasileira.

De acordo com a executiva, por meio de seus produtos, como a Revista VOTO e eventos temáticos – dentre eles, o Ciclo Brasil de Ideias e o Um Brinde à Democracia –, o Grupo reafirmou o seu posicionamento de estar ao lado do Brasil, independente de ideologias políticas.

"Ao completar 18 anos de reflexões e realizações, nossas plataformas de conteúdo e relacionamento reafirmam seu compromisso original com a transformação do país a partir da convergência de interesses públicos e privados", ressaltou Miskulin, que falou ainda sobre as expectativas para 2022. "Muito mais há para se fazer em 2022. Vamos brindar a muitas aberturas. À abertura de um mercado cada vez mais competitivo e eficiente. À abertura de uma sociedade cada vez mais sustentável e consciente. À abertura de nosso tão famoso turismo. E, de abertura em abertura, vamos brindar a uma democracia que faz acontecer um Brasil cada vez mais pujante."

## PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM

O Ciclo Brasil de Ideias e o jantar Um Brinde à Democracia são eventos exclusivos para associados do Grupo VOTO/Clube VOTO.

Debates como esses são fundamentais para o nosso time e acontecem com grande frequência, reunindo figuras de relevância política e econômica do país, com o intuito de promover análises pertinentes e projeções para que os associados tornem as decisões mais acertadas nos seus negócios.

Quer participar das próximas edições? Entre em contato com nossa equipe comercial e associe-se agora mesmo!

Fotos: Iara Morselli

Michel Temer é recebido por Karim Miskulin

Thompson Flores Lenz, Michel Temer, Karim Miskulin e o deputado Baleia Rossi

Thompson Flores Lenz, desembargador, com Gabriela Manssur, promotora de Justiça

Marina Willish, vice-presidente da GM, e Delcio Sandi, chefe de Assuntos Corporativos da Souza Cruz

Mateus Simões, secretário-geral de Minas Gerais, e Max de Simone, presidente do Grupo Ferrero

Marcel van Hattem, deputado federal, e Luiz Fernando Barbosa, da EMS

Stéphane Engelhard, vice-presidente de Relações Institucionais do Grupo Carrefour, com Alceu Moreira, deputado federal

# Faro apurado para a ética

POR PATRÍCIA LIMA

A faculdade de Jornalismo e os anos que passou exercendo a profissão deram à Fernanda Barroso o gosto pela investigação. A formação paralela em Finanças e a pós-graduação em Economia levaram a jornalista aos bancos e consultorias, para funções ligadas à estratégia e análises financeiras. Mas a veia investigativa permaneceu forte e direcionou Fernanda para a sua verdadeira paixão: Compliance, Due Diligence e Inteligência Comercial. Hoje ela atua como diretora-geral da Kroll no Brasil, empresa líder mundial em serviços e produtos digitais de governança, riscos e transparência. Em um ambiente complexo como o atual, as empresas estão muito suscetíveis aos impactos gerados pela corrupção e por atividades ilícitas – motivo pelo qual as habilidades de investigação de Fernanda e de seu time ganham ainda mais relevância.

Identificar os riscos de fraude e preveni-los. E, quando as más práticas já estão em curso, estancá-las, recuperando não somente os ativos materiais das companhias, mas também sua credibilidade e reputação. Foi com base nessa missão que Fernanda construiu uma carreira sólida, investigando casos que vão desde contabilidade forense até fraudes internas em empresas. Sua experiência é frequentemente requisitada para consultorias a escritórios de advocacia e corporações dos setores público e privado, para temas relacionados a fraudes financeiras, como declarações falsas de

receitas ou despesas, corrupção e transgressões de funcionários. Ela também já coordenou projetos de entrada de empresas no Brasil, internacionalização de negócios e avaliação regulatória.

Em sua trajetória, avalia que o mercado de gestão de riscos e detecção de irregularidades é de grande interesse, mas ainda excessivamente voltado para as demandas reativas, quando o cliente já identificou um problema e precisa saná-lo. "Tenho buscado mostrar a importância da prevenção a riscos, que, por minimizar as chances de que problemas ocorram, acaba garantindo a sustentabilidade dos negócios, além de ser um investimento mais barato do que ter que responder a incidentes específicos, o que pode vir carregado de sanções regulatórias", ressalta Fernanda.

Apesar de ainda muito masculinizado, este segmento do mercado começa a se render ante à inteligência e competência das mulheres. E esse movimento ganha força justamente na Kroll, que tem 85% delas em sua área de Gestão de Riscos. O segredo, segundo Fernanda, é a inclusão. "Sempre busquei a inclusão de gênero e temos ações específicas para aumentar a diversidade na empresa. As experiências desagradáveis pelas quais passei profissionalmente me deixaram lições muito claras de que é necessário investir em inclusão e mudança de comportamento no ambiente profissional", alerta.

Para Fernanda, o destaque das mulheres no universo corporativo ocorre especialmente em atividades que exigem atenção a detalhes e realização de conexões entre informações de fontes distintas. Além de hábeis nesse campo, as mulheres cultivam relacionamentos genuínos e significativos, o que torna o ambiente profissional bastante saudável e as relações comerciais, mais duradouras. "A cultura da sororidade que temos visto recentemente com mais força enfatiza o relacionamento entre mulheres no ambiente corporativo; uma abre portas para as outras. É importante o sentimento de estar gerando um impacto e um efeito positivo na vida das pessoas", afirma.

Carioca de nascimento e apaixonada por São Paulo, Fernanda Barroso encontra no trabalho realização e completude. Mas afirma que não dispensa momentos de ócio, para tirar o cérebro do circuito automatizado. Ao praticar jardinagem, esvazia a cabeça e tem insights para variados aspectos da vida pessoal e profissional. Recentemente, entregou-se a um novo hobby: fazer vasos de argila, o que, segundo ela, ajuda a aplicar a atenção de forma mais consciente possível. "Por fim, de tempos em tempos, preciso muito de contato com o mar. Acho que a água do mar tem o potencial de reenergizar, assim como a amplitude do oceano tem o efeito de redimensionar os nossos problemas", completa.

## ELEMENTO HUMANO NO CENTRO DAS DECISÕES

Construir um ambiente mais ético, baseado em regras claras de conduta empresarial e em relações saudáveis entre os agentes, é o objetivo de profissionais como Fernanda Barroso. Ela sustenta que esse processo ainda tem um longo caminho pela frente no mundo todo, especialmente no Brasil, mas é indispensável para o crescimento sustentável dos negócios. O segredo para buscar essa construção é combinar, de forma cada vez mais complexa, as ferramentas tecnológicas com o olhar humano atento e sensível. A disseminação e a entronização de uma cultura de ética empresarial devem começar justamente pelos indivíduos.

"Ainda que seja possível detectar, de forma automática, fraudes financeiras no seu início, impedindo que se alastrem, sempre será necessário o componente humano para confirmar se as transações detectadas são falso-positivas ou, de fato, situações que merecem uma investigação mais aprofundada. Para treinar a máquina, a experiência e a sensibilidade das pessoas são fundamentais. Especialmente, a capacidade de identificar vieses e evitar que sejam utilizados para suportar decisões de negócio equivocadas", pontua Fernanda.

Fotos: Fábio Risnic

Foto: Marcos Mesquita

# #DRINKPINK

Quem me conhece bem sabe que, do meu ponto de vista, a época mais incrível do ano é o verão. Afinal, criada no Piauí achando que 40°C é normalidade, fica fácil adorar um clima ardentemente quente. Ao contrário do que muitos acreditam, é no verão que o meu consumo de vinhos aumenta. Enquanto a maioria das pessoas associa frio com um bom vinho tinto, eu sou do time que vê um leque de possibilidades de estilos de vinhos diferentes que combinam com o verão. Brancos, tintos leves ou até vinhos fortificados para elaboração de coquetéis – o verão, para mim, deveria ser a estação do ano mais vínica de todas.

Caso eu precisasse eleger um vinho que é realmente a assinatura dos dias mais quentes do ano, claramente o vencedor seria o rosé. Não existe nada mais versátil do que um vinho rosé. Seja na ocasião ou na forma de consumo, bebê-lo é muito menos complicado para quem não é um apreciador de vinhos.

Tradicionalmente, ele era conhecido apenas como um vinho de verão para beber à beira da piscina, no entanto, os rosés mais sérios e premium estão sendo cada vez mais reconhecidos por seu potencial de harmonização gastronômica durante todo o ano. Para quem não gosta de vinhos encorpados, haverá sempre aquele rosé fresco e frutado. No entanto, para os que são do time de estrutura e corpo, não faltarão opções de estruturados e com uma cor bem extraída.

E quando o assunto é cor, muitos mitos já se criaram em torno das cores dos vinhos. As tonalidades dos vinhos rosés podem variar de salmão, pink e casca de cebola até um rubi mais claro. O estilo Provence, em cor salmão bem clarinha, em geral mais seco e delicado no paladar, tem sido copiado em todo o mundo devido ao seu sucesso quando o assunto é qualidade. E aqui vai uma curiosidade: a principal fake news no mundo do vinho é que só o rosé com cor clarinha é de boa qualidade. Essa afirmação é um contrassenso dos grandes. Nem todo vinho com cor salmão é de alta qualidade. A verdade é que a região da Provence, na França, é uma área focada na produção de vinhos rosés de qualidade inquestionável. No entanto, muitos vinhos de cores com bastante extração podem ser belíssimos exemplos de qualidade. É o caso daqueles produzidos na região de Navarra, na Espanha, ou Tavel, na França.

Intuitivamente, pensamos que a cor do vinho rosé é uma mistura de um tinto diluído com água ou misturado com vinho branco. Na realidade, foi assim que os rosés surgiram 7 a.C. Sabe-se que boa parte dos tintos produzidos pelo Império Romano eram mais rústicos e super tânicos, muitas vezes imbebíveis. Para tornar a bebida mais palatável, era normal diluí-la com água ou misturar com vinho produzido a partir de variedades brancas.

No entanto, hoje um rosé obtém sua bela cor a partir de um contato mais rápido da casca da uva tinta com o mosto durante o processo de fermentação. Basicamente, o rosé é feito exatamente como o vinho tinto, mas o suco das uvas não fica em contato com as cascas por muito tempo. As cascas dão ao tinto sua cor escura; é onde está o pigmento. Após o esmagamento das uvas, os líquidos e os sólidos entram em contato uns com os outros (esse processo chama-se maceração). Quanto mais longa a maceração, mais escura é a cor do vinho. Para um rosé é apenas uma questão de horas essa maceração. Além disso, os rosés fazem sua maceração em tempe-

raturas mais baixas para preservar os delicados sabores de frutas e os seus aromas. Serão as variedades das uvas usadas nos vinhos que determinarão o perfil de sabores e aromas do vinho final.

Segundo a Rosé Wines World Tracking, o consumo mundial de rosés está em curva ascendente. Em 2019, foram bebidos 23,5 milhões de hectolitros. Essa quantidade é 23% superior ao consumo global em 2002. Nesse mesmo ano, 35% do consumo dos vinhos rosés foi feito pelos franceses, seguidos pelos norte-americanos, com 15%, alemães (7%), italianos (5%) e ingleses (5%). Isso prova que o maior nível de consumo ainda está nos países mais maduros para esse tipo de bebida.

Já no Brasil, em 2014, o share de mercados dos vinhos importados rosés era de 1,8%, segundo a Ideal Consultoria. Terminamos 2019 com eles representando 5,4% dos vinhos importados. No mesmo ano, na Inglaterra, o rosé representava cerca de 12% do volume de vendas de vinho no off-trade (Nielsen).

Quando o assunto é harmonização, como o rosé combina características das uvas tintas com traços da personalidade das uvas brancas (taninos baixos e acidez marcada), ele acaba por combinar perfeitamente com uma grande variedade de pratos. Para um rosé mais leve, recomendo harmonizar com frutos do mar e saladas que ressaltem os sabores frescos do seu vinho, sem sobrecarregar sua personalidade mais delicada. Já para um rosé mais escuro, com um corpo mais pesado, sugiro experimentar com pizza ou carnes brancas grelhadas.

Normalmente, os rosés não são para envelhecer. Sua idade média no mercado deveria ser de até 5 anos, afinal, o objetivo é beber vinhos frescos e aromáticos. No entanto, temos algumas raras exceções que ficam maturando em madeira por anos e são exemplos de vinhos de guarda – é o caso da bebida produzida pela Viña Tondonia. Na minha opinião, o melhor exemplar que você poderá beber na sua vida. Infelizmente, são vinhos "unicórnios", ou seja, são raros, dificilmente se encontra uma garrafa para comprar.

Independente do estilo, da região ou do preço, o certo mesmo é entrar nessa tendência de beber pink. Consuma vinhos rosés, use a hashtag #drinkpink e entre nesse mundo sem volta. Os rosés irão te conquistar. E você, caro(a) leitor(a), não irá se arrepender.

#drinkpink

KARENE VILELA

Enófila por paixão, Karene Vilela (@kvilela) é publicitária formada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Imersa nos vinhos pela Associação Brasileira de Sommeliers (ABS) e Sommelier formada pela Court Master Sommelier (@court_of_ms_europe). É detentora do título DipWSET (Nível 4 da escola Wine & Spirit Education Trust @wsetglobal), certificada pela Wine Scholar Guild (FWS/IWS/SWS) e CEO da Portus Cale (@portuscalevinhos). Além disso, é sócia idealizadora do projeto Got Wine? (@gotwinesp). Atualmente, é uma das poucas brasileiras a ser aceita como estudante do Instituto Master of Wine (@masterofwine)

Fotos: Divulgação



# Um esconderijo de luxo em Montenegro

POR JU NAKAD

**EU** nunca poderia imaginar duas coisas:

1) Que Montenegro era um país apaixonante.

2) Que lá existiria um hotel-boutique digno de suspiros e êxtase total.

Entre visitas às praias de águas cristalinas, montanhas sagradas e cidades medievais cheias de cultura e história, tive o prazer de me hospedar no Villa Geba, em Sveti Stefan, a seis quilômetros de Budva.

A metros de uma das praias mais incríveis da região, o hotel possui oito suítes debruçadas sobre o Mar Adriático e com a icônica ilhota de Sveti Stefan ali sorrindo para você, dia e noite.

Muitas pessoas incluem Sveti Stefan no roteiro apenas como passagem, mas poucas sabem que existe uma pérola escondida nesse pequeno paraíso, que vale uma parada. Minha estada no Villa Geba serviu para "acalmar e respirar". Como é bom desfrutar de uma paradinha assim no meio de uma viagem corrida!

O hotel é membro da Small Luxury Hotels of the World, em cujo portfólio só entram hotéis "anti-rede" e com espírito independente. Ele não tem propriamente uma recepção. Somos gentilmente recebidos com uma taça de espumante e encaminhados para nossa suíte. Só que a luz que emanava do terraço me atraiu e, ansiosa que sou, dei uma corridinha até lá e curti as borbulhas ali, estupefata com o cenário que estava à minha frente.

"Nada é mais moderno do que a Antiguidade." Essa frase de Karl Lagerfeld traduz a arquitetura e decoração do Villa Geba. Há fortes referências clássicas, como as colunas gregas da infinity pool, misturadas a objetos de design contemporâneo em cada cantinho.

As suítes são gigantescas e inspiradas em deusas. Todas com decoração diferente uma da outra

e igualmente luxuosas. Tudo muito elegante, mas sem ostentação. Um bom gosto extremo.

Ficamos na Suíte Selene (Deusa que personifica a Lua). São 100m² muito bem aproveitados, divididos em sala de jantar, estar, cozinha com toda infraestrutura, dois quartos e dois banheiros, sendo um deles com uma bela banheira de imersão, tipo freestanding. E os dois lotados de amenities italianos da La Bottega.

Os móveis luxuosos com design contemporâneo são a combinação perfeita para deleite e conforto. Eu não sabia o que mais me encantava: se a atmosfera aconchegante do quarto ou a paisagem que invadia poeticamente nosso olhar a todo momento.

Em êxtase, segui para conhecer a piscina e curtir o spa. A piscina tem um glamour único, com borda infinita e colunas gregas belíssimas. O terraço tem espreguiçadeiras com design arejado da fabricante belga Tribù. Um convite perfeito ao "dolce far niente". No mesmo andar fica o pequeno e charmoso spa, com sauna seca, hamman, hidro e salas com terapias corporais (pagas à parte). Sempre com um chá à disposição dos hóspedes e toalhas felpudas por todos os cantos. O hotel é muito pequeno; ainda assim, não encontramos ninguém. O spa era só para nós.

O restaurante Muse, comandado pela Chef Olivia Meli, é considerado o melhor de Budva. Com cardápio enxuto, serve pratos franceses e montenegrinos. Importante reservar. O terraço oferece vista translumbrante para a pitoresca ilha de Sveti Stefan, e a área interna é igualmente aconchegante, com arranjos florais, velas e sofás modernosos. Ali também é servido o café da manhã. Fomos brindados com a presença de um arco-íris lindo se exibindo para nós nas primeiras horas da manhã. Ô sorte!

Depois de um delicioso jantar à luz de velas, chegou a hora de descansar na cama mais macia da viagem, com lençóis de fios de algodão egípcio. O serviço de turndown veio com mensagens em cada cabeceira, tapetinhos com pantufas e a TV ligada ao som ambiente de música brasileira. Amo isso!

Impossível não ter bons sonhos, né?

Sem dúvida, o hotel vai te deixar inebriado, mas não deixe de fazer uma caminhada de cinco minutos até a praia. Sveti Stefan é cercada por duas praias de águas limpas e transparentes com pedrinhas lisas avermelhadas, cinzas e brancas (o ideal é usar aquelas sapatilhas de borracha ou neoprene). Essas praias se convergem num istmo que serve como "passarela" até uma ilhazinha medieval do século XV onde fica o famoso Resort Aman (estava fechado quando fui, por conta da pandemia). De lá, caminhe até Villa Milocer, antiga residência da Rainha Marija Karadordevic (1900-1961) e, posteriormente, de Josip Broz Tito, o responsável pela unificação da antiga Iugoslávia.

Aproveite ao máximo, mas volte a tempo de assistir do alto ao famoso pôr do sol e fazer um brinde à vida.

Coloque Montenegro na sua lista de desejos. Poucos brasileiros visitaram esse pequeno paraíso.

Confira a viagem completa no Instagram @natripdaju.

Foto: Jeffeson Bernardes

# O Ataque dos Cães

A cineasta neozelandesa Jane Campion é uma roteirista e diretora diferenciada. Fez apenas 20 filmes. Não fazia um longa-metragem (dirigiu episódios da série TOP OF THE LAKE) desde 2009. Até hoje é lembrada por sua obra-prima, O PIANO (pelo qual ganhou o Oscar de Melhor Roteiro e foi indicada ao de Melhor Diretora). Era um filme muito duro e difícil, sobre o relacionamento entre uma mulher abusada e seu algoz, uma narrativa forte, profunda, dolorida, mas repleta de sensualidade.

THE POWER OF THE DOG (O ATAQUE DOS CÃES), em exibição na Netflix, é um western que narra a vida de dois irmãos donos de um rancho em Montana (que lugar deslumbrante!) cujo precário equilíbrio de poder é abalado quando um deles resolve casar-se e trazer para o rancho a esposa e seu filho afeminado, um estranho e introspectivo estudante de medicina.

O irmão mais forte e bruto, o enigmático Phil Burbank, é outra notável criação do ator inglês Benedict Cumberbatch, um dos maiores talentos atuais na arte de representar. De SHERLOCK a DOUTOR ESTRANHO, de FRANKENSTEIN (nos palcos) ao advogado militar de O MAURITÂNIO, ele é sempre perfeito. Em THE POWER OF THE DOG, há várias cenas em que a câmera de Jane Campion fica minutos a fio em um close no rosto de Phil. Como poucos, sem dizer uma só palavra, Benedict faz cenas muito importantes para a compreensão do personagem e da trama.

Foto: Divulgação

Kirsten Dunst, Jesse Plemons, o australiano Kodi Smit-McPhee (uma brilhante revelação), Genevieve Lemon, Kenneth Radley, Keith Carradine e Frances Conroy compõem um elenco muito acima da média.

O filme usa e abusa de olhares, closes em pequenos objetos e cenas incríveis nos ambientes abertos de Montana, especialmente montanhas, nas quais a história busca imagens essenciais.

O filme – como o rancho dos dois irmãos – é muito duro. A castração de um terneiro, em detalhes gráficos, ou a autópsia de um coelho indicam a violência dos relacionamentos entre os personagens. Particularmente interessante é a quantidade de cenas com luvas. Fica fácil para o espectador o que Jane Campion quer dizer com isto.

THE POWER OF THE DOG certamente não é um filme que todos irão gostar. Ao contrário, é um filme difícil e que exige coragem do espectador. Assim como a vida rural em Montana naquela época.

MARCO ANTÔNIO BEZERRA CAMPOS

Advogado e cinéfilo. Foi presidente do Clube de Cinema de Porto Alegre por 18 anos e é editor do O Cinemarco (www.cinemarcoblog.net)

Aponte a câmera do seu smartphone para assistir ao nosso filme de fim de ano.

Que a gente sempre possa ser parceiros
para dançar, pular, plantar e colher.
Lutar, porque nada vem fácil.
Sofrer, nem que seja um pouquinho.
Que a gente possa ser parceiros para cair e levantar,
passear, viajar. Se emocionar com as conquistas.
Se apaixonar de novo. Vibrar, ajudar o outro,
inovar, transformar. E evoluir.

Mas, principalmente, que a gente possa estar

# sempre ao seu lado.

Feliz 2022.

Banrisul

Nossa parceria faz a diferença

in.Pacto
INTELIGÊNCIA EM COMUNICAÇÃO

## Inteligência em comunicação para empresas, órgãos governamentais e terceiro setor.

Equipe multiprofissional

30 anos de existência

Entre as 15 maiores do país

- Relacionamento com a Mídia, Influenciadores, Formadores de Opinião e Produção de Conteúdo
- Comunicação Corporativa
- Comunicação Digital
- Inteligência de Dados
- Design e Audiovisual
- Tecnologia em Comunicação
- Análise e Monitoramento de Mídia e Presença Digital
- Relações Públicas e Eventos

**Sede em Brasília (DF)**
Escritórios em São Paulo (SP), Manaus (AM), São Luís (MA) e Porto Alegre (RS)

Setor de Autarquias Sul Qd. 5, Bl. N, Salas 901-921 - Ed. OAB
CEP: 70070-913 - Brasília/DF
Tel: (61) 2107.9300